

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 28000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., O 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

Aveiro

CLERICALISMO E PULHISMO

Já se sente no manto o ulular das feras, que presentem a batida.

A ciganagem infame internase no matto, fareja os ultimos covis e aperta os cabos das facas traço-eiras e covardes no desespero da morte, que vê perto.

Miseraveis! Nós estamos affeitos aos duros trabalhos da guerra. A nossa espingarda é boa e a nossa pontaria certa. Bandidos, que tendes deshonrado o berço de tantas glorias e de tantas almas generosas; ciganos immundos, que pretendes babar o grande nome do mais puro filho d'esta terra; devassos, que fazeis de todos os principios santos arma repellente d'interesses vergonhosos e porcos; gatunos indecentes, que roubaes o povo, que com a vossa impunidade manchae a justiça e pondes uma nota triste nas desigualdades d'esta sociedade cruel, que mette na cadeia um infeliz que roube um pão para comer e deixa á solta Fernandes cegos e Maneis ceguinhos, cegos para a honra, para a virtude e para o bem unicamente; rufiões da liberdade, trufões do meio que vos cerca; grandes criminosos, refinadissimos tratantes: ficae cartos de que sou para vós a hora do castigo, para a sociedade o momento da justiça, e para este povo o dia da limpeza, do repudio e da emancipação de tantos ciganos que o deshonravam e roubavam!

Os caçadores são habeis e as pontarias são certas!

O sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, governador civil d'este districto, desviou seis contos de réis dos cofres do municipio; o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia deve á nação de direitos de pescado 3:060\$725 réis; o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, capitão dos ciganos d'Aveiro, nega a sua assignatura em letras e outros documentos d'essa ordem; o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, chefe da familia dos alicantineiros politicos, apodera-se, por artes d'escroquerie, de sal, ferro, e tudo quanto ha, para vender por todo o preço, sem contar milhares de alicantinas e porcarias d'outro genero.

Um cigano rifou um bote que não era seu; um cigano, sendo administrador do concelho d'Aveiro, abusou d'essa qualidade para subtrahir a uma casa franceza uma quantidade enorme de typo, na importancia de muitas dezenas de mil réis. Por conseguinte, um cigano que se perdeu no caminho das galés, e pelo qual ninguém se póde roçar, em obediencia a todos os principios da honra.

Outro cigano foi demittido, por ladrão, do cargo d'escrivão de fazenda. Portanto, ainda que não tivesse outro crime, e tem-os ás duzias, mancharia a bota de quem

quer que se lembrasse de lh'a roçar pelos fundilhos das calças. N'esses homens só toca o carcereiro para os arremessar pela gola do casaco ao fundo d'uma enxovia immunda, que nem outra enxovia merecem. Ninguém mais lhes toca.

O sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena vive com essa ciganagem e protege-a. Sanciona esses crimes e defende-os. Não faz só isso. O sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena, tenente d'essa companhia de malandros, ao par e passo que quebra lanças pelos *sucios*, *calumnias*, *insultos* e *cospe* os nobres caracteres e os grandes espiritos. Calumniou José Estevão, calumniou Bento de Magalhães, calumniou Pereira Bilhano, calumniou Mendes Leite, calumniou Agostinho Pinheiro, calumniou tudo e todos. Note-se, calumniou, infamou e babou. E uma coisa é fazer isso outra coisa é combater adversarios. **Calumniou, infamou e babou ao mesmo tempo que vivia com ciganos e ladrões.** Logo é um individuo da mais baixa esfera e da peor condição.

Pois o mesmo sr. Almeida Vilhena dizia no *Campeão das Provincias*, de 6 do corrente, que nós o ameaçavamos e aos da *troupe* de esmucar a vida particular de cada um, para os ferir em cheio, **já que na sua carreira publica não encontramos para isso oportunidade.**

Aqui chegou a impudencia! Aqui chegou o descaro! Aqui chegou o cynismo!

Para os ferir em cheio? Bem bom. Ao menos o homem vae concordando em tudo. O homem concorda que na vida particular d'esses jesuitas de casaca, d'esses clericalhas, d'esses insultadores da memoria de José Estevão, ha motivos bastantes para os *ferir em cheio*. Ora, amiguinho de Peniche, como não ha vida publica sem vida particular honesta, como uma é o thermometro da outra, como a honra é uma só, o brio, o pudor, a decencia os mesmos em toda a parte e em todas as vidas, mil vezes obrigado por se ter definido a si proprio. E deixe, que se não ha de definir só esta vez.

Mas, aqui temos outro desvergonhamento e outra infamia d'aquelles grandissimos patifes. Elle confessava, é certo, que havia na sua vida particular por onde o *ferir em cheio*. Porém, ao mesmo tempo mostrava censurar esse recurso.

Pois logo no numero immediato do lençol, 9 de junho, nos perguntava com aquelle arregaço de charlatão de feira, sob o titulo, de mais a mais, de *degradante*, qual o motivo porque não *levantavamos a nossa voz contra os que recorrem á sedução para arremecarem* (escreve sonica ou bundo?) *ao meio das devassidões e da crapula mulheres que viviam honestamente no lar domestico.*

Quer dizer, por um lado censurava-nos de o termos ameaçado de lhe tocar na vida particular. Por outro lado, perfido, ran-

coroso e vil como sempre, foi elle o primeiro a assestar o tiro contra qualquer inimigo politico, que o incommoda e que nós não sabemos quem seja.

Ouçã, amiguinho de Peniche. Ninguém tem combatido mais vivamente do que o *Povo de Aveiro* as infamias a que se refere. A campanha d'este semanario contra a sedução e contra os bandidos que levam a deshonra ao seio das familias é longa, persistente, tenaz e energica. Está na memoria de todos que nos leem, tanto como o isolamento em que nos temos encontrado no campo da imprensa portugueza. Nomes, personalidades não costumamos citar, porque em geral não conhecemos senão aquelles ou aquellas que nos fornecem os tribunaes. Não mexericamos n'esses campos da infamia. Mas se tivéssemos de citar alguns, d'algum d'esses bandidos que praticam o adulterio, que envergonham e deshonram as familias, sabes qual seria o primeiro. Jesuita de casaca, clericalheiro infame, insultador da memoria de José Estevão? Sabes?!
Gala-te para ahí, misero truaõ. Descança, que não entraremos na tua vida particular nem na vida de ninguém, porque temos nojo. Mas tem vergonha, ao menos uma vez na tua vida. Senão, fica certo que te rachamos a pinha n'este campo da imprensa.

Entretanto o penicheiro quiz salvar a *situação*.

«E todavia estas scenas passam quasi desaperecidas para os moralistas do *banzê*, que applaudem a prostituição, mas que protestam contra a iniciativa tomada pela mulher depois de atingir a maioridade legal.»

Isto é, as irmãs da caridade podem-se prostituir; podem renegar o seu pae, dizendo-lhe que não tem familia n'este mundo; podem responder, aos que lhe pedem com as lagrimas nos olhos que vão ver sua mãe moribunda que clama por ellas — *que a sua familia é Deus*; podem recusar-se a assistir aos ultimos instantes de qualquer irmão infeliz.

Isto é, não é crime praticar o adulterio com qualquer dama gentil, que seja maior. Não é crime levar a desordem ao seio das familias. Não é crime envergonhar os maridos ou os filhos. A maioridade é absolvição para tudo isso. A maioridade é carta branca para todas as infamias. A maioridade é passaporte honroso e digno para os serralhos de quantos malandrins haja pelo mundo.

Taes são os principios de moral dos jesuitas de Aveiro! Tal é a doutrina christã do sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena, tenente da companhia dos malandros, e introductor das irmãs da caridade na patria do grande tribuno da democracia portugueza!

Agora a maroto vae-se definir segunda vez.

«Ninguém respeita e venera,

diz elle, mais do que eu a memoria de José Estevão.»

Ora, sr. tenente e amigo de Peniche, o sr. disse que José Estevão era um *desical*, um *ingrato*, um *traidor*, um *falsario*, um *assassino* e um *ladrão*. Das duas uma: ou o sr. tenente, (tenente da *tal*, está claro) tinha provas do que disse e é um biltre respeitando a memoria d'um homem d'aquella natureza, ou o sr. tenente disse e escreveu aquillo tudo, convencido de que era um infame muito grande ao calumniar José Estevão d'um modo tão atroz, e não ha palavras que o classifiquem.

Ou o sr. é um biltre, ou o sr. é um criminoso repellente.

Faça favor d'escolher, que com qualquer das escolhas fica definido.

«José Estevão propoz que se formassem congregações de familias por parochias para substituir as *irmãs da caridade sem prejuizo de ninguém*. Tomem a iniciativa d'essas congregações, exclama o jesuita Vilhena, e eu faço sahir do hospital as irmãs da caridade.»

Isto é um embuste grosseiro e baixo, um sophisma de cigano, que não resiste a um segundo de seriedade.

Em primeiro lugar, José Estevão não propoz tal que as familias se aggreñassem para tratar dos doentes nos hospitaes. Mas o jesuita, o clericalheiro reles, costumado de longa data a falsificar e adulterar as palavras de José Estevão, julga sempre que está falando com pacovios tolos como elle e não com quem lhe saiba destruir as baboseiras com um leve piparote. E então, assim como disse, no dia immediato aos dos sublimes discursos do grande orador aveirense contra as irmãs da caridade, que José Estevão chamára ao pulpito uma fogueira e ao templo um mercado, empregando isso como arma de combate no fanatismo religioso, quando José Estevão dissera simplesmente que alguns padres empregavam o pulpito para incitar o povo a queimar os livros da sciencia e a igreja para vender a sua influencia, assim agora vem dizer que José Estevão propoz que as familias tratassem dos doentes nos hospitaes, quando o grande orador, nem tal disse, nem tal absurdo lhe passou pela mente.

José Estevão o que disse é que a caridade não era exclusiva de ninguém, nem se podia attribuir a nenhuma instituição. Que a caridade era dos homens, era das familias, era de todos nós. «*Que nos reunissemos todos e formassemos sociedades de caridade.*»

Sociedades para quê? Para ir aos hospitaes tratar dos doentes? Não; que nem o operario, quando chega do seu trabalho, havia d'ir servir d'enfermeiro; nem a mulher do povo, que, fóra do trabalho em que acompanha o marido para sustentar a familia, tem tempo para tratar d'outros assumptos que não sejam os da administração e economia caseira; nem o mister d'enfermeiro é coisa que

possa exercer agora um, logo outro; nem a caridade é tão exclusiva é restricta que se limite só nos hospitaes.

As sociedades, que José Estevão propunha, tinham um fim mais lato e mais generoso. E na especialidade—hospitaes—não visavam senão á fiscalisação superior e a obter donativos para os sustentar. Nem mais, nem menos. O resto seria um absurdo, de tal fórma impraticavel, que cabiria no ridiculo quem se lembrasse d'esse expediente estapafurdio. Só o trapalhão Vilhena, que vive de chicanar, de mentir, de adulterar tudo, mas d'uma fórma tão estupidia que não resiste a um raciocinio elementar, poderia ter a *espertesa salaõia* d'attribuir a José Estevão a idéa infeliz de se substituirem os enfermeiros por aggremações de familia.

Quer as sociedades de caridade, no sentido real que lhe dava José Estevão? Pois não as tem já? Pois o que é a irmandade da Santa Casa senão uma verdadeira sociedade de caridade? Quer-as mais latas, mais desenvolvidas, mais amplias? Seja; perfeitamente d'accordo. Ninguém se nega a isso.

E ponha de parte as parlapaticeas, como essa de pretender insinuar que não ha enfermeiros civis capazes, que os tolos vão-se acabando. Não ha enfermeiros civis capazes! Outra vez lhe perguntámos: —quem são os enfermeiros do hospital de S. José, em Lisboa, do hospital Conde de Ferreira, no Porto, do hospital de Rilhalfolles e das magnificas casas de saude que ha no paiz?

Trapalhão, sempre trapalhão, mas trapalhão d'aldeia, estúpido e ignorante.

«Em que principio se funda a irmandade da Santa Casa para protestar contra as irmãs da caridade?»

Lá lh'o disseram. Funda-se n'uns poucos, bem enunciados na representação que lhe entregaram. Mas o trapalhão, vicio de cigano está claro, finge não ver aquillo a que não sabe responder.

Funda-se no principio da lei, que prohibe nos hospitaes as irmãs da caridade. E se a todo o cidadão portuguez é dado zelar as leis do paiz, a ninguém é dado altera-l'as, embora esse alguém seja tenente de qualquer companhia de malandros. Funda-se nos factos, que falam bem alto para mostrar quanto as irmãs da caridade foram damninhas á sociedade aveirense, sem que nenhum outro facto possa desmentir ou alterar esses.

«Mas, por mais que façam e digam, a irmandade só existe quando chamada a exercer as suas legaes attribuições.»

E como elles nunca a chamam, e como elles a pozeram de parte, a companhia dos malandros fez mão baixa em tudo aquillo e quem põe e dispõe são elles e só elles. Olhem que já é levar muito longe o cynismo!

Pois é exactamente em nome d'esse principio que a irmandade

de protesta. E' em nome dos seus direitos desprezados. E' em nome do abandono a que a arremessam. E' exactamente em nome das suas *legaes attribuições*, porque a mesa actual é uma mesa provisoria que já devia ter desaparecido ha muito, por isso que nada justifica nem explica a demora do acto eleitoral.

Que tratantes!

Mas a representação não esta a escripta em termos cortezes.

E esta? Queriam que lhe pedissem por o amor de Deus? Petulante!

Mas muitos irmãos assignaram a rogo.

De fórma que quem não sabe escrever perdeu, para este refinado jesuita, os direitos de cidadão portuguez.

Mas muitas assignaturas foram obtidas pela ameaça que fez o Povo de Aveiro. Logo nós somos uns despotas, discipulos do conde de Basto.

E assim justifica o mano das manas, (e oxalá que elle não venha a ter mais algum parentesco, alem do de tio, com algum sobrinho!) a razão que nos assiste. E' tão sympathica a causa que defendemos, tão nobre e tão levantada, que varios irmãos se associaram a nós só pela vergonha de se poder vir a saber que a combatiam!

Ninguém dirá que este não seja o elogio mais caloroso do principio porque estamos combatendo e a melhor justificação da nossa conducta. E n'esses casos é de ver que os modernos discipulos do conde de Basto sempre são melhores que o mestre!

Esta de nós sermos despotas por ameaçarmos os irmãos da Santa Casa de Ihes publicarmos os nomes se não quizessem assignar a representação, não é má. A franqueza e a coragem das opiniões é sempre uma virtude. Os irmãos assignavam e nós publicavamos-lhes os nomes. Tomavam a responsabilidade do acto que tinham praticado, acto que se nos era a nós agradável, era desagradável á ciganagem immunda, que sempre é mais perigosa do que nós somos.

Os irmãos não assignavam e sahiam-lhes o nome em letra redonda. Tomavam e ficavam com a mesma responsabilidade dos seus actos! Responsabilidade menor, porque agradavam á ciganagem ladra e repugnante.

Ou já é vergonha andar de parceria com os ciganos?

Este maldicto Vilhena é o diabo para dizer tolices!

Emfim, diz que o quizemos levar primeiro pela mansa e que o queremos levar agora por mal.

Tal qual! Exactamente! Não quiz ir a bem? Pois ha de ir a mal. A mal, sr. Vilhena, e bem a mal.

Espere pelo resto e verá. Continuaremos.

CONFRONTEM

A 23 de maio de 1857 discutia-se na camara dos deputados o contracto do tabaco. José Estevão não estava d'accordo com Passos Manuel. Entretanto este, interrompendo José Estevão n'uma passagem do seu discurso, proferiu estas palavras memoráveis:

«O illustre deputado disse que tinha sido calumniado; o illustre deputado sabe, e Deus o sabe, que nem na minha consciencia, nem pela palavra, nem pela penna o nome do illustre deputado deixou nunca de ser pronunciado com o respeito que merece ao seu paiz, e que ha de merecer á historia pela pureza do seu coração, ao qual Deus ha de fazer justiça como lh'a faz a geração presente e como não pode deixar de fazer-lhe o seu maior amigo.»

«O orador (chorando): -- Ao il-

lustre deputado só tenho a dizer que nunca tive coração senão para o amar, e que desde que a sua mão escreveu sobre o tumulto de men pae as phrases sentidas que a morte de tão distincto homem arrancou ás suas sympathias e virtudes, desde esse momento os vinculos da nossa união e amizade são tão sagrados como aquelles que...

«O sr. Passos (Manuel): -- Peço desculpa de ter pedido a palavra com algum calor, mas a calumnia nunca chegou ás solas do illustre deputado, porque era mais facil segundo a expressão de um antigo, que o sol se desviasse da sua carreira do que o illustre deputado do caminho da virtude, e o illustre deputado não precisa d'este testemunho, mas quem gravou o seu nome com tanta gloria na historia do seu paiz, deve fazer justiça aos seus amigos. Nos não podiamos fazer injuria ao mais estremo defensor da liberdade d'esta terra e que tanto honra a tribuna portugueza.»

Que duas grandes almas!

Passos Manuel estava então em desacordo politico com José Estevão. Não obstante, espirito brilhante, sublime coração, caracter adoravel, como sempre foi, apressava-se a render ao outro grande espirito a homenagem que merecia.

Em Aveiro, dois insignificantes, dois miseraveis, que tinham o duplo dever de venerar e respeitar o nome de José Estevão chamavam-lhe—*Idiota, orador da porcalhota, devasso, indigno, falsario e ladrão*. E hoje então declaram que se lhe chamavam aquillo era... por politica!

Passos Manuel, combatendo José Estevão, dizia d'elle as palavras memoráveis que acima se lêem.

Os dois miseraveis, combatendo-o da mesma fórma, julgavam-se desobrigados de respeitar aquelle grande nome.

Estavam no seu campo. Alguma differença, e differença enorme, havia de haver entre Passos Manuel e os srs. capitão e tenente da companhia dos malandros.

E' para que vejam quanto esses ciganos são immundos e são baixos.

COM LICENÇA

Um jornal qualquer dizia um dia d'estes que foi um tal club *Fraternidade Republicana* que iniciou ultimamente a campanha anti-clerical.

Com licença:—quem a iniciou foi o Povo de Aveiro, que abriu brecha no jesuitismo muito antes dos *taes republicos fraternos* se lembrarem de o combater. E é tanto mais saliente a nossa iniciativa quanto é certo ter-se malgrado sempre, e logo á nascença, o movimento anti-jesuitico iniciado pelo *Seculo* e outros, de todas as vezes que o Povo de Aveiro o combateu por falso, inoportuno e mal dirigido.

PARA QUE TODOS SAIBAM

Eis a lei que regula os negocios d'irmãs de caridade:

«Art. 1.º Não é permittida a existencia de comunidades, congregações ou corporações religiosas de um e outro sexo, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 28 de julho do mesmo anno, seja qual fór o numero dos subditos ou associados de que se componham, o motivo do seu estabelecimento, e a qualidade ou duração dos seus votos.

Art. 2.º Nenhum estabelecimento, publico ou particular, de instrução ou beneficencia poderá admitir ao exercicio do ensino e educação quaesquer individuos nacionaes ou estrangeiros, pertencentes ás comunidades, corporações ou congregações religiosas, de que trata o art. 1.º, sem que para isso seja expressamente autorisado por uma lei.

Art. 3.º As disposições do artigo precedente são extensivas aos serviços hospitalares e beneficios dos referidos individuos, pertencentes ás mencionadas comunidades, corporações ou congregações religiosas, nos estabelecimentos pios dependentes do estado, dos municipios, das juntas de parochia e de quaesquer corporações de mão morta.

Art. 4.º O governo proverá immediatamente á organização do ensino e educação da infancia nos estabelecimentos de beneficencia, tanto publicos como particulares, regulando tudo o que respeitar á sua administração, regimen e direcção moral.

Art. 5.º Ficam por esta fórma confirmados e declarados os decretos com força da lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 22 de julho do mesmo anno.»

Este projecto foi convertido em lei pela camara dos srs. deputados, a 24 de maio de 1862, sendo um dos que o votaram o actual presidente do conselho de ministros, José Luciano de Castro, que hoje consente a pouca vergonha do hospital de Aveiro!

E depois d'essa lei clarissima ainda o jesuita Vilhena pergunta com que direito a comissão José Estevão e os irmãos da Santa Casa protestam contra a admisão das irmãs da caridade entre nós!

Farçante, farçante, vilissimo farçante!

COMICIO

Realisa-se no proximo domingo um grande comicio, em que tomarão parte, além d'outros, o eloquentissimo tribuno Manuel d'Arriaga e o distinctissimo escriptor Albano Coutinho, para protestar contra a infamia do hospital. Ficam por esta forma prevenidos desde já os habitantes do districto de Aveiro. O local e a hora serão devidamente annunciados em supplemento a este semanario. E seguir-se-hão outros tantos comicios e outras tantas manifestações quantas sejam necessarias para fazer cumprir as leis e respeitar a honra nacional e o decoro da cidade de Aveiro.

OS CIGANOS EM ACÇÃO

Os malandros deram agora em nos accusar d'intolerancia religiosa para ver se nos compromettem no conceito publico. Uma nova arteira de ciganos, que já não pega por obsoleta e porca. A mesma que empregaram contra José Estevão, a mesma que teem empregado contra todos os liberaes honestos. Querem ver?

Eis o *Campeão das Provincias* n.º 1037 de 7 de junho de 1862:

«Contou-nos um nosso amigo, que o grão mestre da maçonaria do rito francez dera ordem para se formar n'esta cidade uma chafarica ou loja maçonica, da qual será presidente o sr. Mendes Leite, e irmãos terríveis e irmãos vigilantes todos ou quasi todos os redactores do jornal *O Districto*! Será isto verdade? Pelo que inferimos d'esta communicação,

parece que o sr. José Estevão procura espalhar por toda a parte os principios hereticos que apostolou na tribuna por occasião d'uzar da palavra na questão das irmãs da caridade e do ensino, fazendo ver urbi et orbi que em vez de Deus ser amado sobre todas as cousas, a liberdade que s. ex.º quer so para si está acima de Deus, pela razão porque o pulpito é uma fogueira, e o templo um mercado! Foram estas as protestações impias do illustre candilho do partido novo, a despeito do paiz protestar viver e morrer nos principios da religião, que o martyr do Golgotha evangelizou.»

Assim hoje nos accusam a nós de querermos proscriver Deus da consciencia humana e eliminar a religião christã!

Dizei-nos, bandidos, Deus permite que uma filha renegue seu pae caçado e velho e repudie sua mãe na hora extrema? E não é essa infamia que vós sancionaes, que vós applaudis, dizendo que as irmãs da caridade, a quem o regulamento do instituto a que pertencem prohibe que tratem de irmãos ou paes ou pessoas, que vivam com a familia, que reconheçam os seus companheiros de infancia, são as mulheres mais santas e virtuosas do mundo? Deus permite essas infamias, grandes bandidos, refinadissimos malandros?

Dizei-nos, excrementos fetidos da humanidade, a religião christã é a religião do roubo, da trapaça e da mentira? A religião christã manda que o governador civil de Aveiro roube os cofres do municipio, negue a sua assignatura em documentos de responsabilidade economica, mande vir sal, ferro e o mais que lhe parece com o intuito secreto de vender por todo o preço porque já tinha feito o proposito de não pagar ao vendedor?

Malandros, a religião christã manda que a custa do pobre povo se encham as repartições publicas de filhos, genros, sobrinhos, primos, irmãos, afilhados, a companhia inteira dos ciganos, praga mais damninha que todas as sete pragas do Egypto?

Miseraveis, a religião christã manda que se dissolva um asylo, que só pagava 4\$800 réis por mez a uma regente, para que se funde um serralho ou uma hospedaria de vadios, que os desgraçados trabalhadores, que soffrem mil privações para viver, hão de sustentar á farta com 1:692\$000 réis por anno?

Grilhetas fugidos das galés, a religião christã manda que se rifem botes alheios, que se roube typo ás casas commerciaes e que se dispendam na extravagancia os fundos da nação?

Pois esse é o vosso Deus, essa é a vossa religião. Deus que não é, que não pôde ser o Deus do povo. Religião que não é, que não pôde ser a religião dos aveirenses.

Podeis então tentar comprometter-nos no conceito publico. O povo conhece-vos a especulação torpe, a ciganagem immunda. Expedientes velhos, como já dissemos. Porque mais de um assassino e mais do que um ladrão teem corrido a abraçar-se aos pés da Virgem e a implorar o socorro de Deus, sem que a justiça se retivesse por um segundo na sua missão de regeneração e de castigo.

Velhos, sim. Quando vós disestes que José Estevão, esse grande espirito, esse coração de ouro, era *impio, intolerante e atheu, inimigo de Deus e da familia*, podeis dizê-lo de todo o mundo. Que o povo sabe que não ha republicano nenhum inimigo da religião. O povo sabe que a liberdade de consciencia é o grande credo da democracia. O povo sabe que nós queremos a liberdade para todos os cultos, para todas as opiniões, para to-

das as idéas sem ferir as de ninguém. O povo vê a Republica na Suissa ha uns poucos de seculos, vê-a nos Estados Unidos ha cem annos e na França ha deoitto e sabe que em parte nenhuma a religião é tão respeitada como na livre America e n'aquellas duas nações da Europa. O povo sabe que nós somos mas é contra a clericalha maldicta, contra esses zangãos da humanidade, contra esses parasitas que vivem da especulação e do despotismo. E sabe, finalmente que, pelo que vos toca, sois d'aquelles grandes criminosos que se lembram sempre depois do crime d'implorar o socorro de Deus e a protecção da Virgem.

Houve tempo em que esse expediente pegou. Mas por isso mesmo que o povo de hoje vê a injustiça com que por elle proprio foi tratado José Estevão, por isso mesmo que vos conhece de sobejo, por isso tambem sabe de mais que essas vossas cantatas da religião, não passam d'uma ciganagem reles para ludibriar papalvos, d'uma exploração de tratantes e d'uma alicantina indecente.

Descobriram-vos o rabo de palha ao burro lazarento. Procurae outro expediente de cigano, que esse já não presta.

EXCAVANDO...

Os leitores já viram como o sr. Almeida Vilhena combatia vivamente as irmãs da caridade? Pois agora vão ver quanto duram as opiniões d'estes bandalhos.

E' uma correspondencia de Lisboa, publicada no n.º 1016 do *Campeão das Provincias* de 26 de março de 1862, com a qual sr. Vilhena declarou estar de **perfeito accordo**.

«A reacção religiosa é entre nós um espantallo politico para certos individuos se reclinarem nos braços d'uma ephemera popularidade. Nem mais, nem menos. **A ninguém amedrontam as irmãs da caridade**, senão aos demagogos do Borratam, e fora de Lisboa ninguém falla d'ellas, nem importa se ellas atravessam de sege as ruas da baixa, ou se estão em Bemfica acompanhando a infanta regente. São terrores pueris em os mais credulos, e especulação interesseira nos mais velhacos. Esta é que é a verdade.»

Dois annos antes o que elle dizia das irmãs da caridade! Dois annos depois as irmãs da caridade não amedrontavam ninguém! Nunca houve um trapalhão assim.

Continuemos. *Campeão das Provincias* n.º 1022 de 16 de abril de 1862:

«A intolerancia é inimiga capital da liberdade e o sr. José Estevam declarou-se intolerante. A vontade pessoal está em antinomia com as leis do progresso, e o sr. José Estevam aspira a ser **dictador e a dominar o paiz com as doutrinas de Herbert e de Pache**.

Aosacerdote apostata raspam-se as mãos, e expulsa-se do templo. Ao sargento insubordinado arrancam-se as dividas em frente dos seus companheiros de armas. Ao homem politico que fiseou os dogmas do partido em que se alistou, bandeando-se a todas as horas, e tornando-se um mobili das suas conveniencias, aquelles que sempre estiveram firmes no seu posto, e teem em muito a propria dignidade, dão-lhe baixa no registro d'esse partido, e apontam-o como indigno de continuar a abrigar-se sob a mesma bandeira. Quem não tem crenças, (1) e é no-

(1) Com um s são as do sr. Vilhena. D'essas não tinha José Estevão com certeza.

mada em politica deve ser riscado do rol dos partidos que se presam de tolerantes e liberaes, porque os vagabundos semelham-se ás aves de arribação que mudam de clima com o fim de procurarem melhores e mais sabrosos alimentos.»

Idem.

«Revive a epoca das bachanaes. Tripudiam os afiliados na maçonaria do rito francez. O sr. José Estevam recebeu a investidura de gram-mestre e é hoje o chefe vesivel (1) d'aquella seita. Os Thyrsos agitaram-se, o champagne fervem nos copos dos convivas, e os maçons encheram-se de jubilo ao submeterem-se á vontade do sr. José Estevam.»

Campeão das Provincias n.º 4025 de 26 de abril de 1862:

«Os Filipons da imprensa foram vasculhar nos depositos da casa e encontraram o n.º 460 do *Campeão do Vouga* de 26 de outubro de 1853, onde foi publicado um gordo elogio escripto não sabemos por quem em honra do sr. José Estevam! Os basbaques declararam-se contentes com o achado, e começaram a bater a palavra, como que, novos Archimedes, podessem bradar—*eureka*. Em 1853 não redigiamos nós o *Campeão do Vouga*. Mas sempre queremos esmerilhar a tal bombastica noticia.

Diz ella que em outubro de 1853 era o sr. José Estevam um cidadão conspicuo, militar denodado, publicista distincto, tribuno singular, economista proficiente, advogado do progresso, athleta do povo, sacerdote da democracia, apostolo da tolerancia, levitha da honestidade, estadista profundo, e machado do despotismo.

Analiseemos agora toda essa enfiada de epithetos, para que todos saibam o que elles valem.

Cidadão conspicuo, ou cidadão vesivel; ninguém dirá que o sr. José Estevam não o seja, depois que de equal modo foi classificado mestre Encerrabodes de Ribabouro, não sabemos a proposito de que gentilezas postas.

Militar denodado—não sabemos se s. ex.ª se distinguia em outras eras; mas em 1847 achando-se em Setubal, deu provas sobejas em contrario.

Publicista distincto. — Não consta qual o compendio ou o livro de direito publico constitucional que o sr. José Estevam tenha composto e publicado. Apenas sabemos d'um artigo que a *Politica Liberal* inseriu no seu numero de 17 do corrente, e que se atribue a s. ex.ª, no qual se avançam os erros mais grosseiros e as heresias mais crassas que sobre direito publico constitucional teem visto a luz publica. **A vista d'ellas até chega a esquecer o sermão da soledade do reverendo padre João Borracho.**

Tribuno singular.—E' singular na incoherencia, nas contradicções, nas manias e na ingratitude o sr. José Estevam. São os seus mais intimos amigos os primeiros a confessar-lo.

Economista proficiente. — A proficiencia do sr. José Estevam revela-se na assiduidade e aproveitamento para os seus discipulos com que s. ex.ª rege a cadeira de economia politica. Contestar o seu grande merecimento e competencia n'este ramo scientifico seria crueldade.

Advogado do progresso.—Não sabemos se s. ex.ª foi algum tempo advogado do *Progresso*, visto este jornal haver expirado ha muito; e só nos lembra um celebre artigo que ali se publicou, em que se memoravam os talen-

tos e defeitos de Cicero, o qual promettemos reproduzir.

Athleta do povo.—Os jogos olympicos estão já em desuso; os alcides aparecem apenas nos circos, e que nós sabemos nunca o sr. José Estevam foi athleta do povo, nem a este foi mister dar-lhe diploma que assim o nomeasse.

Sacerdote da democracia.—Foi-o em 1837 quando se ergueu em prol das instituições democraticas contra um governo opressor. Em 1862 o sr. José Estevam levanta-se contra as doutrinas que apostolou em 1837. Em 1862 o sr. José Estevam quer que o governo dissolva a camara popular, o elemento democratico, **pela razão da camara se opôr á sua entrada no ministerio!** Em 1862 o sr. José Estevam arremegou indignado o barrete phrygio, para envergar os calções aulicos, renegando o seu passado, como linha renegado a regeneração, o cabralismo, o partido novo, e o proprio Borratem!

Apostolo da tolerancia.—a tolerancia de s. ex.ª maquinou a transferencia d'Aveiro para Portalegre do honrado governador civil Betrencourt, e isto depois da parte honrosa que este cavalheiro desempenhou nas eleições geraes de 1859.

Levita da honestidade—**falle por nós a historia do asylo de Santo Antonio.**

Estadista profundo.—a profundidade de s. ex.ª consiste na versatilidade de suas opiniões, na inconsistencia e volubildade do seu espirito, e na sua ambição desmedida de ser ministro.

Machado do despotismo — como em poucas couzas o sr. José Estevam tem vontade propria, não admira que se preste a ser instrumento do despotismo, visto que o machado não é mais que um instrumento, que se move segundo o capricho de quem d'elle sabe fazer uzo.

A' vista d'isto a noticia publicada no n.º 460 do *C. do Vouga* não é mais que uma ironia pungente. E ainda os bonzos do districto se occupam com couzas! Olhem que não vale a pena fazer exumações. Não se metam em camisas de onze varas porque podem assoar-lhes as ventas n'um sedeiro.

Confrontem, confrontem. *Rira bien qui rira le dernier.*»

Disse bem:—*Rira bien qui rira le dernier!!!*

Aquillo é o mais que se podia dizer. O heroe da *Flecha dos mortos* era um covarde! O *Deus da palavra*, como lhe chamavam os contemporaneos, era um tribuno de tripeça! O professor da Escola Polytechnica, cujas lições monumentaes de economia politica ainda hoje são um padrão de gloria, era um sarrafaçal insignificante.

Para isto só podia haver um commentario: — era um chicote ou uma tranca!

AO RADICAL

As questões locaes, aliaz importantissimas para a causa da liberdade, teem-nos tirado o espaço para outros assumptos. E por isso não temos respondido ao collega com o desenvolvimento que desejavamos. Ainda hoje só lhe podemos dizer que estamos sempre promptos a auxiliar todos os que trabalham sinceramente pela democracia e tudo que tenda ao aperfeiçoamento e ao bem dos principios republicanos.

Nesse caminho ou n'esse campo nos encontrará constantemente.

Carta da Bairrada

Junho, 16.

No domingo passado, 10 do corrente, teve logar na Mealhada a segunda reunião de viticultores para se discentir o projecto de estatutos da nova sociedade agricola que se vae crear na Bairrada. Concorreram muitas dezenas de representantes dos quatro concelhos que formam esta circumscripção vinicola e era selecto e numeroso o grupo dos individuos que formavam a assembleia. Os concelhos mais representados foram os da Mealhada e Cantanhede, não querendo dizer que do concelho de Anadia não estivessem muitos proprietarios abastados e pessoas de representação. Faltavam talvez muitos outros, porventura algumas influencias que até aqui se punham sempre evidentes, e ao bafo das quaes se estabeleceram na villa de Anadia um periodico que se diz de *instrução e recreio* para uso exclusivo d'aquellas influencias, porque o povo da Bairrada esse já está bem *divertido* com a perspectiva d'um desolado tremendo nos vinhedos da região e com a probabilidade de mais contribuições pela revisão das matrizes, a que se está procedendo.

E' certo que, sem receio de sermos desmentidos, na reunião da Mealhada estiveram largamente representados os interesses vinicolos de toda a região e receberam-se adhesões de homens importantes, que por motivos ponderosos não poderam n'aquelle dia fazer parte da assembleia. Esta, depois de larga discussão, feitos alguns additamentos ao projecto de estatutos, approvou-os e encarregou a commissão promotora de proceder á sua approvação para se installar opportunamente a sociedade, cuja sede ficou resolvido que fosse na Mealhada, d'onde partira a iniciativa da convocação dos viticultores d'esta localidade. Ahamos justo.

Os fins principaes da *Sociedade Agricola da Bairrada* são:

1.º Promover o desenvolvimento da viticultura e aperfeiçoamento da vinificação em toda a area da circumscripção vinicola conhecida pelo nome de Bairrada.

2.º Combater por todos os meios aconselhados pela sciencia ou pela experiencia, os males causados pela phylloxera ou por outra qualquer epiphitia que ameace comprometter a produção vinicola.

3.º Facilitar aos associados, em prestações mollicas, a aquisição de sementes, plantas, alfaias agricolas, adubos e quaesquer outras substancias que possam utilizar á fertilisação das terras e tratamento das doencas que atacam as plantas e os animaes.

4.º Corresponder-se directamente com os principaes exportadores de vinhos e procurar mercados adequados especialmente para a venda do vinho dos associados, cujas amostras será obrigada a receber sempre que elles queiram utilizar os serviços da sociedade, prestando ella as necessarias indicações e fazendo por tornar acreditada e o mais conhecida possível a marca dos vinhos da Bairrada.

5.º Fazer pela imprensa uma propaganda constante em favor dos interesses de todos os vinhateiros da região.

6.º Pôr-se d'accordo e em communicação directa com a Real Associação Central da Agricultura Portugueza.

7.º Acompanhar e auxiliar todo o movimento que se fizer no paiz, individual ou collectivamente, a bem da prosperidade da agricultura nacional e principalmente do ramo viticola.

8.º Estabelecer um laboratorio chimico-agricola, logo que os fundos da sociedade o permittam.

9.º Vigiar, no interesse dos associados, o serviço da nova revisão de matrizes.

A sociedade é formada de so-

cios ordinarios, e extraordinarios e benemeritos. Os primeiros pagam a joia de 25000 e a mensalidade de 500 réis, tendo um rendimento collectavel, relativo a predios rusticos, não inferior a 505000; os segundos tendo um rendimento collectavel inferior a 505000 não pagam joia e só contribuem com a mensalidade de 100 réis; os terceiros não pagam joia nem mensalidade.

Esboçando o plano organisador da nova associação que se vae formar na Bairrada, estamos certos de que, se a sua direcção fór confiada a homens abnegados, patriotas, amantes do progresso e da prosperidade d'esta região, homens que se convençam das vantagens e das forças que nascem do principio associativo, ella prestará serviços valiosos á localidade e pôde até ser o nucleo de uma companhia poderosa que entre mais tarde em negociações aproveitaveis ao principal ramo commercial, não só da Bairrada, como do paiz inteiro—o vinho.

E' n'estes emprehendimentos de mutua protecção e commum interesse que queremos ver ligados todos os homens prestantes da Bairrada. E' pugnando pelo engrandecimento na industria local, tão cercada de contratempes e em risco de perder-se, que desejáramos que dessem as mãos de uma solidariedade valiosa todas as intelligencias, todas as actividades e todos os capitales d'esta localidade. Felizmente vão apparecendo companheiros e luctadores, não se dando sequer pelas abstenções, se é de n'ellas ha o proposito egoista de desvirtuar alguma iniciativa digna e generosa.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Finou-se ante-hontem um filhinho do sr. Luiz Augusto da Fonseca Regalla, a quem por esse facto testemunhamos aqui a expressão da nossa condolencia.

Deve ser hoje aberto ao publico o novo apeadeiro de Avanca, entre Ovar e Estarreja, no caminho de ferro de Lisboa ao Porto.

Nos dias 25 a 30 do corrente recebem-se na repartição de fazenda d'este districto as cadernetas dos depositantes da Caixa Economica Portugueza para serem capitalizados os respectivos juros.

Prevenimos, pois, os interessados, para se não sujeitarem a serem-lhes capitalizados os seus juros sómente no semestre seguinte.

No proximo dia 29 do corrente deve haver na Mealhada esplendidas corridas de cavallos.

Segundo consta, haverá por essa occasião comboyos especiaes entre esta cidade e aquella villa.

Os officiaes inferiores do regimento de cavallaria 10 realisam uma recita no theatro Aveirense, na noute de 21 do corrente, com o drama de Aristides Abranches *O Amor paternal* e a comedia *Liberdade eleitoral*.

E' ensaiador o sr. tenente Bartholomeu de Brito Vaz Coelho, que no desempenho das suas funções mostra bem o seu mui elevado grau de intelligencia e fina educação.

Lê-se no *El Globo*, de Buenos Ayres:

«Um santo, que morreu ha quatorze seculos e que continúa a cobrar soldo do estado, como qualquer filhote do orçamento, pelos serviços que prestou em vida, é cousa realmente extraordinaria.»

Entretanto existe; pelo menos assim o diz a *Allgemeine Deutsche Zeitung*, órgão da colonia allemã do Rio de Janeiro.

O santo é Santo Antonio e figura no orçamento do Brazil com a seguinte denominação:—*Tenente-coronel honorario do exercito brasileiro, o glorioso Santo Antonio.*

O soldo que recebe é de 2:400 duros (1925000 réis), e quem assigna, a rogo do santo, é o prior do convento de Santo Antonio do Morro.»

O que ainda não se pôde saber é como se arranja o prior para mandar o dinheiro a Santo Antonio...

Houve grande concorrência ao jardim, na noute de domingo, a gozar a diversão que alli se realisou e que esteve animada.

Uma rapaziada d'esta cidade, tocando guitarra e violão, executou no passeio algumas peças de musica, que foram ouvidas com agrado.

Hoje ha nova diversão, tocando a charanga de cavallaria.

Foi suspenso de missa o prior de Santa Cruz, concelho de Almodovar. O motivo da sua suspensão foi o ter perguntado no confissionario, a uma rapariga de 16 annos, se já tinha os seios crescidos... e não se sabe o que mais.

Que traste de prior! Ponham n'isto os olhos as mães e chefes de familia. Vejam o perigo a que se expõem suas filhas indo ajoelhar aos pés de semelhantes patifes...

N'uma das brigadas de bombeiros parizienses declarou-se recentemente uma tomosia curiosa, a calvicie, que tomou proporções epidemicas dentro de pouco tempo.

Cento e trinta bombeiros ficaram com a cabeça nua como a palma da mão.

Investiga-se a causa de tal doenca.

APRENDIZ

Na Encadernação Aveirense, de Adriano Costa, á rua Direita, precisa-se de um aprendiz.

CORRIDAS DE FOGAÇAS

No dia 17 do corrente, por occasião da festa ao Santo Antonio, haverá na freguezia da Oliveirinha corridas de fogaças, pelas 3 horas da tarde. Convidam-se todas as pessoas que queiram tomar parte no divertimento, devendo comparecer áquella hora.

ESPECTACULOS

Theatro Aveirense

QUINTA-FEIRA 21 DE JUNHO

Recita pelos officiaes de cavallaria n.º 10

O drama *O amor paternal* e a comedia *Liberdade eleitoral*.—A's 9 horas.

SEXTA-FEIRA 29 DE JUNHO

Recita pela Troupe Dramatica Aveirense em beneficio da estatua de José Estevão

O drama em 3 actos *O Veterano da Liberdade* e a comedia *Grandes afflicções d'um esposo*.—A's 9 horas da noute.

PREÇOS—Frisas de frente, 3000; ditos de lado, 2500; camarotes de frente, 2500; ditos de lado, 2000; ditos de 2.ª ordem, 1500; cadeiras, 500; superior, 300; geral, 200; galeria numerada, 160; dita sem numero, 100 réis.

O resto dos bilhetes encontra-se á venda na Nova Havaneza, de Cesar Augusto Ferreira, e na Encadernação Aveirense, de Adriano Costa, á rua Direita.

(1) Com um e tambem não é má. O homem é tão limpo de caracter como é limpo de grammatica.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO ACREDITADAS E SEM RIVAL

MACHINAS PARA COSER

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL MACHINAS

SINGER

ACHAM-SE À VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

A VEIRO

SINGERS

POR 500 REIS SEMANAES
COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com ensino gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS!

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM LÂ

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER

VENDE-SE

A CASA e quinta do Carmo, que foi de José Maria Rangel; junta ou em lotes, segundo mais convier. Consta de casa nobre, com jardim, d'uma outra morada sobradada, casa de caseiro com suas pertenças, pateos, celloiro, eira, tres poços para nora, pomar e mais terras de horta e de lavradio.

A tratar com José Ferreira da Cunha e Souza — Aveiro.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se a venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem, Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz, tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

Pomada Curativa Vegetal

RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais eficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cáncros mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doencas de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, rua das Gaveas, 71, 1.º, Lisboa.

Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e fornoscura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-doas de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 61, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez, e os premios maiores de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença

que nas provincias e de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao GAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

A VEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos espeziaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REL-DO-CHÃO.

BOMBAS

HYDRAULICAS

De POÇO, CYSTERNA &c.

ARANE

“CERCA-ESPINHO”

Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE

TUBOS DE FERRO

zincados e pretos para

CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha

(caucho).



FOGÕES

CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

“AGATE”

Para serviços da cozinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS

ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 331

19 de Junho de 1889

A QUESTÃO CLERICAL

Sempre o temos dicto e não cessaremos de o repetir:—todas as cidades, todas as villas, todas as povoações poderiam consentir entre si, sem vergonha maior, as irmãs da caridade. Aveiro é que o não pôde fazer sem se tornar merecedora do desprezo e do tedio de todo o paiz liberal e honesto. Aveiro, tendo os motivos geraes que tem todas as terras e todos os paizes para repellir esses aleijões da humanidade, infelizes instrumentos do clericalismo, as quaes, já consciente, já inconscientemente, usam do nome de Deus para toda a casta de crimes e attentados hediondos ás leis sociaes e ás leis da natureza, tem além d'isso motivos muito especiaes, muito particulares para as não querer ao pé de si, motivos bastantes para lhe cavarem a deshonra, para que mostrem a todo o mundo que este povo cahiu na ultima degradação, na mais profunda inercia moral, se não sabir a campo energeticamente a repellir a affronta que acabam de lhe arremessar ás faces.

Em terra nenhuma se deram ainda os acontecimentos dolorosos que, provocados pelo clericalismo, se deram aqui. Em terra nenhuma as irmãs da caridade deixaram tão triste vestigio e tão amargas provas da santidade da sua missão como deixaram na cidade da Aveiro. Nunca o coração dos paes, o respeito da familia, o decoro social, foi tão dilacerado e desceu tão baixo como n'esta formosissima cidade maritima, onde a generosidade, as grandes aspirações humanitarias, foram patrimonio de seculos e tradição fidalga.

Nós vamos abrir sem mais delongas, aos olhos dos rapazes, dos homens modernos, que são a grande esperança da patria, que levam em si o germen das transformações sociaes e politicas d'este paiz abatido por um predominio heato, longo predominio de mais de tres seculos, o véo, que lhes fecha e esconde essas scenas dolorosas de ha vinte annos, em que verteu sangue o coração de tantos paes e se tingiram de vergonha as faces de tantos homens e de tantas meninas honestas, presas pelos laços da amizade ou do parentesco ás tristes victimas do padre Beirão.

Conhecemos, que o quadro é cheio de sombras, mas é edificante.

A 19 de novembro de 1869 lia-se na *Revolução de Setembro*, e pouco mais ou menos o mesmo em todos os outros jornaes de Lisboa:

«Do convento de Sá, em Aveiro, saíram sem auctorisação nem previo conhecimento de suas familias algumas formosas meninas, que foram desinquietadas não sabemos por quem, para se filiarem no gremio das irmãs de caridade francezas. Devem ter chegado a Lisboa hontem para d'aqui seguirem para França. D'uma sabemos que era senhora de pouco vulgar intelligencia mas o devotismo obseca as melhores cabeças, e a velhacaria jesuitica sabe explorar e aliciar os corações melhor formados e as mais claras intelli-

gencias. A superiora do convento devem pedir rigorosas contas as familias d'aquellas donzellas.»

No dia immediato o mesmo jornal publicava a triste carta, que se segue, de Antonio Augusto Coelho de Magalhães:

Sr. Redactor.

Pedimos ao governo que não seja imprevidente, e que, abrindo os olhos e lançando a vista bem ao longe, ponha em acção todos os seus meios para impedir e fazer frustrar essa **cruzada diabolica que ahí se levantou em todo o reino, e que escandalosa e arrojadamente trabalha, de certo com fins politicos, no infame plano de seduzir, por meio dos seus agentes, a mocidade inexperiente, e de as recrutar para a archileonfraria das irmãs da caridade em França, chegando ao desaforo de as arrancar á obediência e respeito que devem a seus paes, induzindo-as primeiro nos principios da doutrina a mais subversiva e attentatoria d'esse respeito, e acabando por as lrem busear ás casas de educação aonde seus paes as tem, e, depois de inclausuradas provisoriamente nas suas espeluncas e depositos, as fazerem transportar, dizem elles, para os estabelecimentos das irmãs de caridade em França.**

Nós fallamos assim, e pedimos providencias, porque somos uma das victimas de tão descarado desaforo, e victima sem que nem sequer nos dessem tempo de bater á porta da auctoridade publica, e nem mesmo teriamos de saber a infame seducção que se urdiu, e negra traição que se poz por obra, se não tivéssemos um amigo na provincia que por obsequiosa benevolencia se lembrou de nos prevenir que n'uma *letra de recrutadas* que marchou d'alli caminho de Lisboa, para d'aqui seguir para França, vinha uma filha que tinhamos n'um recolhimento d'educação n'essa terra da provincia!

Sr. Redactor, grite bem alto contra esta pouca vergonha, que se não tolera nem nos povos selvagens. Diga que em S. Patricio (escadinhas de S. Crispim), aonde nós fomos, por insinuação confidencial d'alguem, procurar uma filha que tinhamos na provincia, d'onde havia fugido por seducção e esforço d'alguem para assentar praça nas falanges das irmãs de caridade, encontramos, entrando de improvisos e sem que fossemos esperados nem annunciados, as faes futuras irmãs da caridade furtadas a seus paes, entre as quaes estava a nossa filha, **já fardada, que ficou petrificada ao vêr-nos, e que nem sequer nos beijou a mão, nem deu qualq'outra demonstração por gesto ou palavra do respeito que naturalmente devem os filhos aos paes.**

Eram capitaneadas por uma abelha mestra, que tinha sido nossa hospede em Lisboa por recommendação da nossa filha recrutada. Logo que nos avistaram tocouse uma sineta, e a esse toque appareceu-nos de repente o sr. padre Beirão, que era o commandante em chefe da

devotissima expedição, e que, peio desalinho e desbragamento em que nos appareceu, bem se via que estava ainda nos trages de quarto de cama. Cairam-nos as faces de vergonha quando se nos deparou aquelle espectáculo!

O nome de Beirão era para nós um nome de respeito e veneração, porque essa familia conta individualidades que a cobrem de todo o desaire que a irreflexão e o desacerto de algum dos seus membros possam acarretar-lhe. Esse nome foi a egide do sr. padre Beirão; e nós, então e agora, temos a consciencia do alto poder que elle teve sobre nós. Serviu de muito ao padre o nome da familia. Ficamos cegos para vêr aquelle, mudos para lhe fallar com a severidade que iam dispostos a usar. **Desde logo nos conformamos com a amarga ideia de ficarmos sem filha, e ficarmos sem ella mesmo** sem fustigarmos o seu seductor, caritativamente disfarçado; e depois de cobrirmos as faces com as mãos, deixamos a filha e o padre nos seus preparativos religiosos e dedicacão á caridade, e viemos para casa mortos de desgosto pelo que tinhamos visto e não visto, e mais do que isso, pela descrença de que, tendo cincoenta e quatro annos, chegássemos a vêr corrigidos estes desregramentos do que é mais corrente nos paizes em que vivem homens illustrados e bem morigerados e em que os governos tem como primeiro cuidado e obrigação estabelecer e segurar os meios de tornar impossiveis escandalos e abusos como este.

Sr. Redactor: repetimos a recommendação; grite bem alto e não levante mão d'este importantissimo assumpto, que nós o acompanharemos quando e como podermos.

Como se vê, é amargamente doloroso o que ahí fica. Antonio Augusto não era escriptor e á sua carta faltam as palhetadas de mestre. Mas na simplicidade e no desalinho de phrase d'esse documento que reproduzimos, como é sincera e profunda a dôr que atribulava o coração d'aquelle pobre pae! E como é santa, e como é sublime, e como é toda de paz, amor, caridade e virtude a missão d'essas mulheres, que para o sr. Almeida Vilhena e para a digna companhia que o sr. Manuel Firmino commanda, são a ultima palavra da perfeição humana!

D'essa carta, tudo o que se vê é horroroso. Em primeiro lugar, no convento de Sá, onde viviam tantas meninas formosas, entravam os padres livremente. D'outra forma não teriam occasião, nem tempo para as seduzir.

Em segundo lugar, os compromissos de honra d'essa gente clerical são de tal ordem, a sua prohibidade tão manifesta, o seu respeito pelas familias tão accentuado, que a directora do convento de Sá abre as portas da casa a umas poucas de meninas para fugirem com os padres.

Em terceiro lugar, a gratidão jesuitica é tão religiosa e tão digna, que uma *abelha mestra*, como lhe chamava Antonio Augusto, que recebera hospedagem d'um individuo, desata a chamar por

socorro contra elle, quando o encontra mais tarde, em lugar de lhe agradecer os beneficios recebidos.

Em quarto lugar, o amor filial que esse clericalismo ensina é tão puro e tão elevado que uma filha, ao vêr seu pae, em vez de lhe dar todas as demonstrações de regosijo e affecto, fica quieta e diz-lhe que não o conhece, ou toca uma sineta para que lhe acudam contra o seu proprio pae.

Em quinto e ultimo lugar, está provado de sobejo que o jesuitismo, a grande maioria das meninas que seduz, ou é para as roubar ou para as prostituir.

Sim; Antonio Augusto encontrou sua filha junto d'um homem em trajes menores e as *faces cahiram-lhe de vergonha pelo que viu e pelo que não viu.*

Pelo que não viu, notem os leitores! Quer dizer, o irmão de José Estevão, pobre pae, sahio do hospicio de S. Patricio com a certeza de ficar sem filha, e de ficar sem uma filha demais a mais **polluda**, demais a mais **deshonrada**. E' verdadeiramente horrivel. E n'este ponto permitta-se-nos uma digressão pela actualidade.

A 9 de maio do corrente anno lia-se n'um diario progressista, *O Correio Portuguez*:

«Para o recolhimento intitulado das «irmãsinhas dos Pobres», nas escadinhas de S. Crispim, entraram ha dias mais algumas raparigas, vindas de fóra da cidade.

Ante-hontem, e de vespera, a visinhança ouviu que lá dentro se soltavam gritos de socorro e gritos «ao da guarda», mas ninguem interveio.

A' meia noite, depois dos gritos, saíam de lá tranquilamente, por uma porta travessa, dois ecclesiasticos.

Que seria?

A visinhança faz conjecturas e espalha boatos graves.»

Que seria?! Os leitores ligaram os acontecimentos de ha dezenove annos com os de ha um mez e já sabem o que é. Os leitores juntaram aquella circumstancia de Antonio Augusto Coelho de Magalhães ter encontrado junto de sua filha, no dia immediato aquelle em que ella chegou ao hospicio de S. Patricio, o padre Beirão em trajes de quarto de cama, com esta de no mesmo hospicio, **porque é o mesmo**, se ouvirem gritos de noute dias depois da chegada de novas raparigas, e de sahirem de lá, altas horas, dois padres, e viu tudo. Isto é, **as irmãs da caridade são uns instrumentos de prostituição e os seus estabelecimentos immundissimos bordéis onde os collegas do sr. Almeida Vilhena ceavam em pobres mulheres roubadas á honra e ao amor da familia os seus instinctos bestiaes e torpes.** Os factos fallam bem alto e ahí ficam os factos confirmando essas grandes infamias.

Cidadãos de Aveiro, entregue vossas filhas á prostituição, applaudindo e tolerando as *irmãsinhas dos pobres*.

Quereis outra prova? Ella ahí vai. E' a *Revolução de Setembro*

de 24 de novembro de 1869 que continua ainda expondo os acontecimentos:

«O pae da menina que veio de Aveiro, recrutada pela agencia lazarisista do padre Beirão, e que ha dias expoz aqui circumstanciadamente o facto, tem estado gravemente doente, com repetidos ataques epilepticos, em consequencia do terrivel desgosto porque acaba de passar.

Tambem tem estado por egual motivo bastante enfermo em Aveiro, o pae de uma das obsecadas senhoras.

São ellas quasi todas de maior idade, e podem por isso seguir o destino que quizerem. Nem queremos de certo que se fira a liberdade. Lastimamos porém que aquellas senhoras se deixassem obsecar por um devotismo absurdo que occulta muita vilhacaria e muita torpeza, e que insulta as leis naturaes. Nem sempre, além d'isso, se angariam maiores. São creanças muitas vezes as victimas d'este lazarisismo á *outrance*, que lhes atrophia as intelligencias quando não **lhes pollue os corpos, e que mais preocupado anda com mundanidades infames, do que com a conquista de mysticas bem aventuranças.**

Um periodico conta hoje:

«De feito indo uma senhora á igreja de S. Luiz tomar informações a esse respeito, alli lhe disse um padre:— «As raparigas não vão agora por causa da gritaria dos jornaes. Quem tem a culpa é um doudo irmão d'outro doudo e pedreiro livre que ahí houve chamado José Estevão Coelho de Magalhães e que já morreu felizmente. Sempre é mau a gente metter-se com parentes de pedreiros livres. Em maio foram umas poucas de raparigas e ninguem fez bulha. Agora é isto que se vê.»

«Ah, hypocritas, hypocritas, que chamaes aos outros pedreiros livres e fingis esquecer as vossas *capellas*, e *agencias*, e a vossa maçonaria jesuitica!

Um dia d'estes lançaremos os olhos para aquella famosa igreja de S. Luiz, aonde nos dizem que se fecham as portas a professoras em certos mysterios.

Temos catacumbas?»

Mysterios, catacumbas! Assim se expressava um jornal serio como era o jornal de Antonio Rodrigues Sampaio. A infamia jesuitica tem por cumulo e remato a prostituição. E para terminar, só pedimos, a quem nos lê, que depois de ter reparado em tantas infamias repare tambem n'aquella *paz d'espirito* com que o padre chamava doido a um pae louco de dôr pela perda de sua filha e n'aquelle *amor do proximo* com que o mesmo sotaina enchia o espirito e expandia o coração por José Estevão ter morrido *felizmente*.

Tal é a religião de que o sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena é crente fervoroso e nós, segundo elle diz, impio amaldiçoado e atheu excommungado.

Amanhã continuaremos.

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 331

30 de Junho de 1888

A QUESTÃO CLERICAL

Realisa-se no proximo domingo, 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, n'um vasto armazem do Rocio, junto á Praça do Peixe, um grande comicio com o fim de protestar contra a reacção ultramontana e em especial contra a admissão das irmãs da caridade no nosso hospital, facto attentatorio da liberdade, da lei, e do decoro da cidade de Aveiro.

Pede-se a comparencia, não só dos habitantes d'este concelho, como de todos os outros habitantes do districto, que queiram zelar a causa da liberdade e do progresso.

O *Jornal do Commercio*, n'esse tempo talvez o mais considerado do paiz, referiu-se n'estes termos á fuga das educandas do convento de Sá, uma das quaes é uma das santas mulheres que o sr. tenente da companhia dos malandros metheu no hospital d'esta cidade, e da qual diz ser a creatura mais pura, mais suave, mais carinhosa e mais santa do mundo. Não obstante se ter recusado a assistir aos ultimos momentos de seu malogrado irmão, depois de ter fugido com um padre sem attenções, nem respeito, nem obediencia pela honra e pelo nome da sua familia.

E' o *Jornal do Commercio* de 20 de novembro de 1869:

«Lêem-se na *Gazeta do Povo* as seguintes linhas:

«Fallava-se hontem muito da fugida de umas meninas que estavam recolhidas em um convento da provincia, para casa de um padre, d'esta capital, o qual, segundo consta, as seduzira para as fazer entrar na congregação das irmãs da caridade, em Paris.

A policia procede contra o seductor, no que faz muito bem.

«O meretissimo procurador regio deu as convenientes providencias a fim de evitar que as meninas que fugiram de um convento da provincia para Lisboa, induzidas por um sacerdote, como hontem dissemos, para tomarem o habito d'irmãs de caridade, em Paris, partissem sem que suas familias soubessem do seu proposito.

Felizmente os esforços de s. ex.º tiveram melhor exito. Os passaportes, que já estavam passados, foram suspensos pela competente auctoridade, a fim de se proceder ás necessarias averiguações.

Está levantado o conveniente auto e todas as providencias estão adoptadas para que as meninas procedam, se forem maiores, livres de qualquer coacção, e se forem menores sejam recolhidas a casa de seus paes.

Ouvimos que o convento d'onde fugiram as illudidas meninas é da cidade de Aveiro.

O mesmo sacerdote que foi tirar o passaporte ao governo civil esperava as fugitivas na estação do caminho de ferro.

Quando ellas chegaram, o tal sacerdote dirigiu-se-lhes, perguntando:

—Então quantas vieram?

—Cinco, reverendo padre, respondem uma das meninas.

E o padre mostrou-se contrariado por serem tão poucas!

Louvamos o zelo e diligencia do respeitavel procurador regio, que n'este negocio procedeu como um funcionario sollicito e diligente que é.

Esperamos que o honrado magistrado não largue mão d'este caso e que se houver crime o saiba punir com toda a severidade que as nossas leis estabelecem.»

Consta-nos que entre essas meninas seduzidas ha uma menor d. 21 annos.

Resta ainda averiguar como foram concedidos os passaportes; se o padre seductor os recebeu, simplesmente pelo seu pedido, ou se as meninas se apresentaram a sollicital-os e a recebê-los.

E' isto uma verdadeira seducção; é mais, é um attentado, porque ataca a sociedade na sua base que é a familia, procurando destrui-la.

Por isso, cada vez mais, a gente illustrada evita que o padre entre nas familias, porque o padre leva ahí a desordem e os odios, tanto mais profundos, quanto mais sagrado e intimo é o affecto, que os seductores despedaçam, para adquirirem proselytos.

Desde que se não respeita a familia, desde que se ensina ás filhas que podem levantar-se contra seus paes, que os devem odiar, para servirem a Deus, lançam-se na sociedade os fundamentos da maior anarchia.

Como se pôde servir melhor a Deus do que amando e obedecendo aos paes? Logo que no coração se apaga o amor por aquelles que nos deram o ser, que nos criaram, que enxugaram as nossas primeiras lagrimas, que nos circumdaram de todos os desvelos, de todos os mimos, que conosco choraram, conosco se alegraram, que velaram por nós a todos os instantes, que finalmente, nos ampararam quando só sabiamos chorar: quando um padre consegue fazer esquecer estas coisas no coração de uma donzella, é um infame que a sociedade deve punir como fautor da anarchia social e destruidor da familia. Por isso é necessario que todos se acutellem com os padres seductores e com os conventos, como esse de Aveiro, que deixa sair as educandas sem que seus paes o saibam, e á voz d'um padre sem consciencia. A abbadesa do tal convento precisa de uma severa admoestação. E' preciso garantir a paz nas familias: é um dever social; é uma necessidade para defeza da sociedade contra a anarchia pelo fanatismo religioso, tão perigoso como o politico.»

Tres dias depois acrescentava o mesmo *Jornal do Commercio*:

«O pae de uma das meninas, educandas no convento de Aveiro, e que por suggestões de um padre vieram para Lisboa, a fim de se metterem a irmãs da caridade, em França, acha-se gravemente enfermo, em resultado do desgosto que lhe causou a ingratitude de sua filha, levada a esse esquecimento dos seus deveres pela perfidia d'um padre anarchista da peor especie.

Uma serie de ataques epilepticos vão pondo em perigo a vida do infeliz pae; Deus illumine o allucinado espirito da donzella, para que ella prefira o pae ao padre seductor, para que lhe renasça no coração o affecto filial, que o mais cruel fanatismo conseguiu amortecer.

Revejam-se na sua obra esses adrogados do céo. São

sanctos os resultados que colheram? Infames! Deus pode lá querer que um padre alogue no coração da filha a ternura, o respeito, o amor por seus paes?!

São esses os maiores inimigos da sociedade; os verdadeiros anarchistas.

Segundo nos consta, a auctoridade ordenou que as educandas voltassem para o convento de Aveiro d'onde vieram, para que se legalisasse completamente a sua saída, no caso de insistirem n'ella. Parece-nos sensata a resolução. E' preciso, porém, que egualmente se trate de averiguar quaes são os titulos de habilitação com que um reverendo padre se instituiu director espiritual de donzellas, que recebe n'uma casa, á maneira de recolhimento, onde as recolhidas andam com habitos religiosos.

A policia tem direito e obrigação de averiguar estas cousas, e esperamos que cumpra o seu dever.»

Assim se exprimiam jornaes da consideração e importancia que tinham, n'aquelle tempo, a *Revolução de Setembro* e o *Jornal do Commercio*, o primeiro dirigido por Antonio Rodrigues Sampaio, um jornalista que fazia honra a todos os paizes e a todas as epochas, e o segundo, hoje orgão do sr. Burnay que por sua vez é agente do jesuitismo, collaborado pelas primeiras intelligencias do paiz.

Eram tambem inimigos de Deus e da religião? Seriam, para todos os tratantes que só empregam aquelles dois termos como especulação vilissima e torpe da sua immunda e porca ciganagem. Para todos os espiritos honestos, levantados e sinceros, as palavras da *Revolução de Setembro* e do *Jornal do Commercio* eram palavras dignas, patrioticas, cheias de boa fé e de convicções profundamente dignas e profundamente honradas. E' certo que ha padres honestos, mercedores do respeito e da estima do publico. São aquelles que, á parte a discussão philosophica que possa merecer a sua missão nas sociedades modernas, cumprem o seu mister e exercem o pacto social com o pundonor e o brio do direito commum, e portanto, não o brio e o pundonor exclusivistas, que os não ha, mas aquelles que se apontam como signal de distincção, de deferencia e de respeito, seja qual for o homem, a classe, o tempo ou o periodo em que se manifestem ou se provem. Os padres que os pratiquem e observem na sua vida publica e na sua vida particular tem jus á consideração social, como homens. Porque os homens não se avaliam nem se julgam por classes ou por seitas.

Quando, porém, o padre usa das especialidades da sua missão para attentar contra o direito natural, como geralmente succede, esse é um facinoroso, esse é um grande criminoso. Ora como a instituição das irmãs da caridade é exactamente um dos meios propagadores d'este attentado cleri-

cal; como é, não uma instituição humanitaria que espalha o bem, a virtude, sem olhar a preconceitos, a escolas, a partidos e a seitas, mas uma instituição inimiga dos principios fundamentaes das sociedades, e por conseguinte inimiga da liberdade, da civilização e do progresso, por isso se torna urgente que todos os homens, que não querem estacionar nem retrogradar, surjam a combatê-la para a fazer desaparecer. A questão é esta: — as instituições monasticas estão fóra do direito commum, porque constituem uma usurpação odiosa e um privilegio repellente; estão fóra da lei social, porque attentam contra o pacto civilizador e progressivo que os homens desde os tempos primitivos estabeleceram entre si. E' provado isto, como provado está para a consciencia universal, não ha mais que discutir nem mais a que olhar.

Pelo supplemento de hontem e pelo de hoje, vêem os leitores que não os enganámos, quando lhes dissemos que esta triste pendencia do hospital é um negocio de honra e de decoro para a cidade de Aveiro. Primeiramente, porque tendo José Estevão dispendido a maior parte da sua actividade e do seu talento em combater as irmãs da caridade, que reputou prejudicialissimas ao bem geral, é uma troca e uma irrisão inaugurar-lhe uma estatua n'esta terra exactamente quando a admissão das irmãs da caridade representa o repudio de todas as suas doutrinas.

Segundo, porque essa irrisão se converte n'um sarcasmo odioso para quem se lembrar das torturas que a familia de José Estevão soffreu pelas irmãs da caridade.

Terceiro, porque a fuga de cinco meninas do convento de Sá tornou-se, pelas circumstancias em que se realison, um acontecimento tão notavel n'este paiz, tão romantico, tão tragico, como se vê das transcripções acima, e não foi só a *Revolução* e o *Jornal do Commercio* que se referiram a elle, mas todos os jornaes do paiz, que despreza-lo ou esquece-lo, por parte da cidade de Aveiro, não se commenta nem se classifica. Seria uma torpe abjecção.

E, para terminar, eis mais uma carta de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, que amanhã commentaremos:

Sr. Redactor.

Ha acontecimentos, que tanto pelo seu alcance e significação, como pela sua immoralidade, não podem passar despercebidos, e que são dignos de que a nobre instituição da imprensa se occupe d'elles, no intuito de os não deixar passar sem a devida correccção, e de promover por todos os meios ao seu alcance que os poderes publicos por acertadas providencias procurem evitar a sua repetição, e castigar os que já são actos consummados, e que tem o caracter de criminosos.

Tal é, segundo me parece pelas circumstancias que o reves-

tem, o que ultimamente se deu com umas poucas de meninas, que seus paes tinham a educar no antigo ex-convento de Sá, em Aveiro, que seduzidas, segundo consta, e se deprehe de todas as circumstancias occorrentes, por essa hypocrita seita Beirão lazarista, que por ahí campea, despercebida dos poderes do estado, a recrutar para a devota irmandade, das irmãs da caridade, foram d'alli tiradas e metidas a caminho de Paris, aonde só ha caridade que moralise e edifique!! sem consentimento, nem mesmo conhecimento previo de seus paes ou superiores!!!

E porque uma das desgraçadas seduzidas, e roubadas ao destino que seus paes queriam dar-lhe, era minha filha, que sem experiencia nem idade para conhecer e avaliar em todo o seu alcance o passo que a induziram a dar de deixar patria e familia, sem que, nem sequer a propria directora ou superiora do tal ex-convento de Sá, de quem eu havia confiado a sua guarda e educação, m'afizesse saber com antecipaçoão como era obrigada a fazel-o; por isso me apresso a pedir-lhe que, depois de se ter dignado mandar publicar no mais proximo numero d'esse esta minha carta, se sirva tambem, e isso principalmente, tomar o assumpto d'ella debaixo do seu especial cuidado, castigando com a sua penna, o abuso de que me queixo, procurando conseguir por todos os meios ao seu alcance, que se não repitam outros iguaes, e insistindo principalmente na ideia dos agentes do ministerio publico serem levados a proceder quanto antes contra os que se mostraram auctores e cúmplices do rapto por seducção da minha querida filha, obrigando-a a deixar patria e familia para ir para Paris, dizem elles, ser irmã da caridade!!! sem consulta nem vontade de seu pae, e com manifesto abuso de confiança da parte da regente do tal ex-convento de Sá, em Aveiro, que todas as circumstancias indicam ser conivente no rapto e seducção da referida minha filha.

Tudo quanto v. se dignar fazer n'esse sentido será mais um titulo para o reconhecimento publico, segundo entendo, e se-lo-ha indubitavelmente para eu confessar que sou com toda a consideração e estima

De v. etc.

Lisboa 1 de fevereiro de 1870.

Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

Amanhã commentaremos.

A QUESTÃO CLERICAL

Realisa-se no proximo domingo, 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, n'um vasto armazem do Rocio, junto á Praça do Peixe, um grande comicio com o fim de protestar contra a reacção ultramontana e em especial contra a admissão das irmãs da caridade no nosso hospital, facto attentatorio da liberdade, da lei, e do decoro da cidade de Aveiro.

Pede-se a comparencia, não só dos habitantes d'este concelho, como de todos os outros habitantes do districto, que queiram zelar a causa da liberdade e do progresso.

Os dois supplementos anteriores produziram no publico a mais profunda sensação. Não podia deixar de ser, porque os factos são tão incontestaveis, tão eloquentes, tão horrendos, tão tristes e tão dolorosos, que só não revoltariam quem não tivesse coração. Só quem não tem familia, quem não tem amor aos seus filhos, quem não tem alma para sentir, quem não tem noções humanitarias e o menor fundo de generosidade poderiam ficar indifferentes aos tristes successos que temos referido, e principalmente aos gritos de dor de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, gritos que de vez em echoar tanto mais na nossa alma quanto o desgraçado pae foi nosso patricio illustre e membro d'uma familia que tão grandes serviços prestou a esta terra, que tão nobremente assignalou a sua passagem entre nós, por grandes actos d'altruismo e de benemerencia.

Sim, caso digno da mais séria philosophia, porque é um tom curioso e vivo na historia, já tão longa e tão cheia de peripecias, das incoherencias da vida e dos baldões da sorte! A filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães não precisava d'ir ao longe exercer a caridade, porque sua familia exercia-a na patria querida com mais amor, mais abnegação e mais sinceridade que ninguém. Não precisava de a ir aprender ao estrangeiro, porque tinha no seu notabilissimo avô e no seu grande tio a mais pura, a mais suave e a mais sancta das lições. Como tudo isto é o cumulo do escarneo n'esse drama de misérias, que ha tres mezes se está representando entre nós!

A sombra de Luiz Cypriano Coelho de Magalhães ainda hoje é para o povo a sombra d'um anjo protector, d'um anjo de paz e caridade. A geração actual conhece por seus paes as grandes virtudes d'aquelle bello homem, do nobilissimo character, que deixava sob a cabeceira dos pobres os seus honorarios de medico; que nunca teve para os enfermos senão palavras de resignação e de conforto e obras de verdadeira caridade christã. Entretanto Luiz Cypriano não precisou d'ir a França formar o seu nobre character, modelar o seu rico coração!

Não ha caridade, nem zelo, nem dedicação como a das irmãs hospitalarias, vocifera o jesuita Vilhena. E como ironia do acaso, o pae do grande vulto, que esse vil clericalismo tanto calunhiou e insultou, surge logo a desmentilo, como o symbolo augusto da mais pura caridade!

Não ha despreendimento que se possa comparar ao despreendimento de que usam essas mulheres, abandonando as valsas e as salas para cuidar só dos desgraçados. E desmentindo o miseravel, nós temos a grande vida de José Estevão como brilhantissimo exemplo do altruismo e da abnegação, e aqui ao pé de nós as acções benemeritas de todas as horas e de todos os dias, praticadas sem fanatismo religioso por Pereira Bilhano, outro character respeitavel que o miseravel tanto arranhou e mordeu, cheio d'inveja desprezível e ruim!

O elemento civil não tem amor nem dedicação para os enfermos. Como se aquelles sentimentos ge-

nerosos fossem apanagio d'algum individuo ou d'alguma seita!

Os enfermeiros civis são mãos mercenarias, que vão levar o abandono e o desleixo aos hospitales. Como se entre nós todos, homens civis, mulheres civis de todas as classes não houvesse coração para amar e alma para sentir! Como se houvesse nada de mais mercenario que a irmã hospitaleira, que nega á sua familia todos os carinhos e affagos que diz guardar para estranhos. Como se houvesse caridade mais torpe, que essa que se exerce por reclame a uma farda e a uma certa e determinada instituição! Como se houvesse principio mais condemnavel e mais antipathico do que esse que converte o grande sentimento da solidariedade humana em instrumento de propaganda politica! Como se a caridade da irmã hospitaleira não olhasse ao prestigio do abandonador que lhe deram para a cabeça, e aos interesses do convento, antes de olhar para o proximo!

Ainda bem que na propria familia de José Estevão ha exemplos frisantes para demonstrar novamente a **mentira, a trapaça, a corrupção e a ciganagem do jesuita Vilhena**. Ainda bem. Luiz Cypriano Coelho de Magalhães não precisou de renegar a sua patria e repellar a sua familia para praticar os mais nobres preceitos da religião do altruismo. Sua neta, para seguir o caminho laureado pelo sr. Almeida Vilhena, teve de renegar a patria, de dizer adens aos mais doces affectos da vida, dilacerando o coração de ser pae e assassinando sua mãe. O avô era civil e como civil viveu e morreu pugnano pela liberdade, pelo progresso, pela civilisação. A neta era freira, era do partido do sr. Almeida Vilhena, isto é do partido dos reaccionarios e carolas, era crente ferrenosa do clericalismo. Perguntámos ao povo:—Qual dos dois foi honrado e digno? Qual dos dois mereceu a corôa da virtude?

O povo que responda. A consciencia popular que se pronuncie e que julgue. Os filhos d'esta terra que prefirmem:—ou o respeito e a consagração da memoria do medico de seus paes, ou o insulto soez ás virtudes d'esse santo varão e a todos os principios reguladores da humanidade, approvando e sancionando as infamias da neta e as heresias dos Vilhenas. Estâmos certo de que ninguém hesitará na escolha, sendo para todos cada vez mais completa a convicção de que o tal sr. Almeida Vilhena é o **trapaceiro mais vil, o mentiroso mais repugnante, o ciano mais immundo** que tem apparecido em Aveiro. Tudo atrapalha e tudo falsifica.

Porém, voltando á historia do padre Beirão e do convento de Sá, as cartas de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, tiram todas as duvidas sobre o que é e o que pôde produzir o lazarisimo. E tiram tambem as ultimas esperanças aos verdadeiros liberaes sobre as providencias, que os governos d'esta terra possam tomar para salvaguardar a sociedade dos manejos jesuiticos.

Que a população aveirense saiba ao menos manter os seus brios e assegurar o seu socego, repellido esses corvos que hoje no-

vamente suspendem o vô sobre nós!

Na primeira carta ainda Antonio Augusto Coelho de Magalhães tinha esperanças de acordar a inercia dos poderes publicos. E com elle tinha-as toda a imprensa liberal de Lisboa, como bem se vê dos seus artigos, de que hontem transcrevemos uma parte. Entretanto na segunda carta, já o infeliz confessa que as vae perdendo. E perdeu-as de todo para baixar á sepultura, elle, irmão de José Estevão, elle, acalentado na infancia por tantas aspirações liberaes, elle, mais tarde companheiro de seu irmão e d'outros nas luctas da democracia, sem tornar a vêr a sua **querida filha**, que os corvos da reacção haviam levado nas garras, isto é, ludibriado e esmagado pelos inimigos da liberdade, que o infeliz tivera, como tantos outros, a simpleza de suppôr vencidos e derrotados com o triumpho do constitucionalismo! E' edificante, mas confessemos que é tristissimo.

Debalde elle pedira aos poderes publicos que se dignassem baixar os olhos para a lei menosprezada e as garantias nacionaes esquecidas. Debalde elle pediu providencias para o attentado de que fôra victima. Debalde elle chamára as attentões para a villania d'uma abbadessa, que deixa sahir as educandas do seu convento sem dar satisfações a ninguém. Era um **doido, irmão d'outro doido que felizmente morrera**. E ninguém fez caso das reclamações do doido. E todos concorrem para lhe augmentar os desgostos com a mais criminosa indifferença que se possa imaginar. E' horrivel.

Mas bem. Os leitores viram, examinaram e estudaram as cartas d'esse nosso desgraçado patricio. Vão agora assistir a nova scena, não menos curiosa e não menos edificante.

As educandas, que fugiram do convento de Sá, eram cinco. D'uma já conhecemos a historia. Outra, irmã do sr. João José Pereira de Souza e Sá, que todos conhecem n'esta terra, endoideceu em França e de lá veio n'esse estado. Outra, irmã do sr. Antonio Pinheiro, morreu em França pouco depois de lá chegar. A quarta, irmã de Norberto Ferreira Vidal, tristemente celebre por essa fugida memoravel, e mais tristemente celebre ainda por se ter negado a assistir aos ultimos momentos de seu irmão, é uma das que estão hoje no nosso hospital. A quinta chamava-se Henriqueta Loureiro e d'essa vamos falar.

Essa senhora passava por ladina e esperta. E portanto a sua connivencia na heroicidade do convento de Sá surprehendeu toda a gente que a conhecia, escrevendo-lhe um dos seus irmãos, que vivia em Aveiro, a interrogar sobre o facto. Eis a carta curiosissima que veio em resposta:

J. M. J.

Meu caro mano do coração.

«A graça de Deus e de Nossa Senhora seja em nossas almas, e nos fortaleça para tudo que fôr do seu divino agrado permittirnos.

Querido mano, recebi a tua carta, com a qual muito penhora teu amor; a este serei sempre gra-

ta e reconhecida, bem assim á querida mana, que com tanto disvelo roga a Nossa Senhora, pelo bem da minha alma, que é o principal.

Vejo quanto me dizes relativamente á minha sahida da terra; meu mano não me crimines; razões o fizeram necessario; quando não eu teria o gosto de te ver e abraçar; eu sou filha da religião *pelo que o não sou de dispor cousa alguma*, sacrificio que muito estimo.

Caro mano, hoje como nunca está minha alma disposta quanto fôr a abandonar o mundo e a entregar-me toda a Deus, em cuja divina mão está todo o nosso bem.

Querido mano, não te escandalizes, por quanto em meio de minha vocação religiosa eu jámais me esquecerei de todos os meus; não escrevo para o Brazil porque não me é possível; porém, peço-te para dares parte e me recommendares extremamente a meu padrinho, e mano João; não esqueças uma lembrança extrema de filha para minha mãe e geralmente me recommenda a todos; aceita o amor que te consagra esta

Tua mana do coração
F.

Lisboa—novembro de 1869.»

Para quem está um pouco pratico e lido nas maroteiras jesuiticas, vê-se á primeira vista a infamia que n'aquella epistola se encerrava. A carta do irmão de Henriqueta Loureiro fôra apprehendida e lida pelos padres de S. Patricio. Então, como os jornaes estavam discutindo vivamente o caso do convento de Sá, e como as suas principaes accusações se fundavam na circumstancia das irmãsinhas repellirem a familia, os tratantes aproveitaram-se logo da occasião para obrigarem a pobre menina a escrever a carta que acima fica, com as doces referencias aos manos e á mãe, para assim destruir em a mais forte accusação que se lhes fazia. Se lá apparecesse o irmão ou a mãe da pobre menina, certo é que não lhe falariam. Estivessem descansados a tal respeito. Mas uma carta não compromettia nada e podia valer de muito nas conjecturas que estavam atravessando. Por isso forçaram a menina Loureiro a escrevê-la e com sentido muito perfido lh'a dictaram. E eis a prova immediata:

«PUBLICA FÓRMA

Logar do sello da estampilha de taxa de sessenta réis — 2 de dezembro de 1869. — José Leite Ribeiro. — Lisboa, primeiro, urgente. — Mano Antonio—Bem sei que has de estar muito escandalizado comigo e com razão, mas meu querido irmão a carta que te escrevi não foi por minha vontade, foi para condescender. Oh, meu querido irmão, eu nunca tive vontade de ir para França; perguntaram-me se eu queria ir, e eu disse que sim, mas depois arrependi-me e não o quiz dizer; agora está chegado o tempo, e estou morta por me ver em Aveiro com a nossa familia. Oh meu querido irmão, peço-te que por alma da nossa mãe me venhas buscar no primeiro combelo que houver, porque eu de nenhuma maneira vou. Oh meu irmão não

me faltas, mas quando vieres não digas cá que eu te escrevi, diz que me queres levar, e que a nossa familia está toda escandalizada, porque eu digo que quero ir contigo—que já me não acho com forças de cumprir a regra de França. Adeus, meu irmão, não te escrevo mais porque tenho medo que dêem comigo a escrever. Não me faltas pelo amor de Deus. Sou tua irmã do coração—Henriqueta do Rosario Loureiro.—Logar do sello d'estampilha de sessenta réis.—Aveiro dois do decimo segundo mez de 1869.—O escrivão de fazenda Leitão.—Reconheço de verdadeira a lettra e assignatura de Henriqueta do Rosario Loureiro, por ser identica a outra que existe em meu poder e cartorio de que dou fé.—Aveiro 2 de dezembro de 1869. Em testemunho de verdade—Logar do signal publico—O tabellião José Leite Ribeiro. Nada mais continha a dicta carta que aqui fielmente fiz passar em publica fórma, á qual me reporto, e que tornei a entregar ao apresentante. Aveiro 2 de dezembro de 1869.—Eu José Leite Ribeiro a subscrivi e assignei em publico e raso, de que uso. Em testemunho de verdade—logar do signal publico—O tabellião José Leite Ribeiro.»

Ahi tem. A primeira carta foi escripta á força, como a propria menina Loureiro confessava. A segunda escripta livremente e parece que passada para fôra do hospicio por uma lavadeira, largamente paga, que a escondeu entre a roupa. Só assim poderia sahir uma carta, livremente escripta, d'aquella inquisição!

O irmão da sr.^a Loureiro partiu logo para Lisboa e, entrando no hospital de S. Patricio com um mandato da auctoridade, de lá trouxe sua irmã, que se lhe lançou nos braços mal o viu. Foi essa, das cinco, a **única que viveu feliz e feliz vive ainda hoje. A única que teve uma vida serena, tranquilla e honrada**.

Amanhã commentaremos com mais largueza estas cartas. Deixemos que a impressão, que se ha de estar produzindo no espirito dos leitores, impressão d'indignação e pasmo, se complete nas vinte e quatro horas que se seguem. Entretanto, sempre lhes perguntaremos hoje:

Estão convencidos de que o sr. Almeida Vilhena é um miseravel quando faz a apologia das irmãs da caridade? Que mente e trapaçaria quando declara que não ha conforto, carinho, amor e qualidades eminentes como as d'essas mulheres?

Estão convencidos de que as irmãs da caridade pelo que praticaram e praticam são perigosissimas n'esta terra?

Estão convencidos de que, attendendo ao que se deu, e principalmente ao que se deu com a familia de José Estevão, é uma deshonra para a cidade de Aveiro não as repellar do hospital?

Vão pensando e contem connosco amanhã.

A QUESTÃO CLERICAL

Realisa-se no proximo domingo, 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, n'um vasto armazem do Rocio, junto á Praça do Peixe, um grande comicio com o fim de protestar contra a reacção ultramontana e em especial contra a admissão das irmãs da caridade no nosso hospital, facto attentatorio da liberdade, da lei, e do decoro da cidade de Aveiro.

Pede-se a comparencia, não só dos habitantes d'este concelho, como de todos os outros habitantes do districto, que queiram zelar a causa da liberdade e do progresso. Assistem os srs. Manuel de Arriaga e Albano Coutinho.

Lia-se n'uma folha da Vizeu do principio de fevereiro do corrente anno:

«Ha pouco tempo, altas horas da noite, chegaram a Villa de Egreja, a casa d'uma boa mulher, duas desgraçadas raparigas. Vinham estenuadas, encharcadas d'agua e de neve, a cahir de fome e de frio, mal podendo articular palavra e mover-se.

A dona da casa ficou impressionada em face d'aquelle quadro de dô, e tratou immediatamente de valer ás raparigas que, graças á sua idade e robustez, e á sollicitude da hospedeira, poderam escapar á morte que viram diante dos olhos.

Disseram ellas que, por conselhos de pessoas em que depositavam a maior confiança, venderam todos os seus bens que possuíam para com o producto da venda irem passar os dias da sua vida no recolhimento da Fraga, que ouviram descrever com formosas côres, fazendo-lhes crer que seria n'um muito felizes n'aquelle paraizo celestial. As ingenuas ficaram deslumbradas com a pintura, e não pensaram mais n'outra cousa.

Uma das pacovias, que é da Torredeita, foi muito avisada por pessoas amigas da localidade que diligenciaram dissuadi-la do proposito. Ella, porém, teimou e fez a venda das suas propriedades com prejuizo talvez de metade do seu valor. Com a outra rapariga, que é de Bodiosa, aconteceu quasi o mesmo.

Ambas se apromptaram depressa e levando o seu dinheiro e muitas roupas que lhes exigiam no recolhimento, poze-

ram-se a caminho da Fraga. Chegaram e foram muito bem recebidas. A directora, uma hespanhola esgrouviada, acariciou-as e chamou-lhes *hijas* e tomando-lhes logo conta de tudo que levavam!

Não estiveram, porém, alli muitos dias. Uma ordem das *monjas* intimou-as a ir a Hespanha, ao que parece, servir n'um outro recolhimento. Partiram as pobres raparigas e tiveram dois dias de jornada, não sabendo contar por onde, nem para que terra foram, mas só que se viram tão desesperadas, por não encontrarem o agasalho que esperavam, que tiveram de fugir e demandar de novo o seu recolhimento da Fraga.

A descripção que fazem d'esta jornada é tristissima e seria demorado reproduzirmos tantas peripécias lamentáveis.

As raparigas não traziam dinheiro nenhum para as despesas d'aquella longa jornada, e vinham mal resguardadas para resistir á inclemencia do inverno. Provaram os horrores da fome e do frio. Quando chegaram á porta do recolhimento, de noite, já encharcadas de agua e de neve, pareciam-lhes que não podiam dar mais um passo. Almejavam por se verem nos braços caridosos d'aquella *santa* gente que as receberia com os maiores carinhos, encontrando-as em tão lamentavel estado.

Mas que cruel decepção! Esperam debalde esse agasalho. Nem a descripção pungente da sua situação, nem as suas lagrimas e supplicas lhes valeram de nada para serem alli recebidas. Pediram ao menos que lhes dessem as roupas que lá deixaram, porque tiritavam de frio.

A resposta das *virtuosas* senhoras foi sempre negativa!

Brada aos céns semelhante procedimento, que está a pedir severo correctivo.

As ingenuas raparigas viram-se perdidas n'aquelle momento e chorando lá foram bater comsigo a Villa de Egreja, a casa da caritativa mulher que foi quem as salvou.

Os commentarios a este incrível caso e algumas considerações acerca d'aquelle estabelecimento pomo-las de remissa.

As raparigas ficaram sem as suas propriedades e sem o seu dinheiro, reduzidas á miseria!

Por essa mesma occasião lia-se tambem nas *Novidades*:

«Os jornaes hespanhoes teem n'estes ultimos dias tratado largamente o caso de uma rapariga, que, contra vontade dos paes, foi enclausurada n'um convento de Vigo, e alli professára. Chama-se D. Manuela Paz Lois, e é menor.

Fôra ha tempos, como noviça, para um recolhimento de Santiago, e d'alli para o convento de Vigo.

O pae na noviça dirigiu-se ás auctoridades civis, reclamando a filha, allegando que ella sahira de casa contra vontade sua, e que o seu estado de saúde reclamava um tratamento fóra do mosteiro.

Chamados os medicos para examinar a rapariga, declararam que ella se achava n'um estado

adiantado de anemia, e que, para se restabelecer, carecia do ar puro da beira-mar.

Nem assim o prelado consentiu em que a noviça sahisse do convento.

Voltou o desgraçado pae a casa das auctoridades, e depois de muitos dias decorridos, quando finalmente alcançou a ordem para que a filha lhe fosse entregue, a abbadessa do convento declarou que a noviça tinha professado na vespera d'esse dia, e que ficava por isso pertencendo para sempre á comunidade.

Pôde calcular-se o desespero do infeliz pae!

As folhas de Madrid que referem o caso recommendam-no ao governo, pedindo que se evitem semelhantes violencias.»

E dias depois accrescentava o *Povo de Aveiro*:

«As folhas de Madrid noticiaram o fallecimento de D. Manuela Paz, a rapariga que contra vontade dos paes foi enclausurada n'um convento de Vigo e alli professára na vespera em que o pae havia alcançado ordem das auctoridades para que a filha lhe fosse entregue.

Como se sabe, a infeliz rapariga estava doente, e, desde o dia em que professou, o seu estado aggravou-se consideravelmente. Nos ultimos dias já não podia assistir ao côro, nem praticar os exercicios espirituaes, que a comunidade celebra diariamente.

Na penultima sexta-feira quiz levantar-se do leito, mas teve que desistir, porque lhe minguavam as forças. Mais tarde, manifestou desejo de escrever á mãe.

No dia seguinte, os medicos desesperaram de a salvar. A's 5 horas da tarde mandou a doente chamar a madre abbadessa, e disse-lhe:

—Desejo vêr minha mãe. Sinto que vou morrer.

Logo que cahiu a noute, chegou ao convento o medico, que fóra chamado á pressa. A' meia noute começou a agonia e ás 3 horas da madrugada cahiu n'um profundo abatimento, de que despertou um instante com o auxilio de algumas colheres de caldo e vinho de Xerez. De repente, ergueu-se no leito e volvendo os olhos em volta da cella, exclamou:

—Ai! minha mãe, que eu morro!

E deixou cahir a cabeça sobre o travesseiro, expirando um minuto depois!

Este triste acontecimento foi, como era natural, muito commentado em Vigo. Os periodicos da terra declararam que o triste desenlace d'aquella historia tem causado a mais dolorosa impressão em todos os animos. Alguns referem-se a actos violentos realisados para obter a profissão da noviça, e dizem que ella fizera testamento, deixando á comunidade a terça d'um legado de 40 mil duros, que tinha herdado de uns tíos.

Taes são as obras dos jesuitas. Apoderam-se, por meios violentos, dos bens das pobres victimas a quem lançam as garras,

martyrisam-nas e por fim dão-lhes a morte!

Uns monstros!»

E queriam que nós nos calássemos! E vociferam, porque sahimos a campo a combater as irmãs hospitaleiras! Se não fossem uns bandalhos, os berradores, se não fossem quanto ha de mais porco e indecente no paiz, seria caso pasmoso e unico. Assim é natural; comprehendem-se as berratas d'esses tratantes, que não tendo nunca conhecido a dignidade nem o brio, permanecem coherentes e fieis á sua reputação pelintra accusando-nos d'intuitos politicos e manejos revolucionarios n'esta campanha tenaz, que encetámos pela honra e pela tranquillidade d'esta terra.

Declamem, gesticulem, escouceiem; acima de tudo estão os factos, eloquentes na sua simplicidade, fulminantes na sua frieza. Acima de tudo está a consciencia popular, e o povo julgará.

As cartas de Henriqueta Loureiro são a ultima palavra contra a infamia jesuitica. Como aquellas almas negras descem tenebrosas sobre o coração da infancia para o ensombrem das alegrias do lar, dos mais puros affectos da vida! Como é horrivel aquella rede jesuitica que vae apertando e apanhando tudo nas suas malhas fechadas, estreitando, estreitando, até que da independencia humana não fique mais que um espectro horrendo pairando por cima da historia como o castigo cruel e o juiz immisericordioso das gerações que passam!

Hoje, como nunca, está minha alma disposta a abandonar o mundo e a entregar-se toda a Deus. Que horrivel mentira não exprimiu a infeliz! Como se o mundo, na propria accepção mystica e christã, não fosse a expressão de Deus. Como se o mundo não fosse a natureza, e a natureza não fosse, em todas as tradicções religiosas, esse poder desconhecido que preside á criação. Como se Deus, que é a origem da vida segundo o principio catholico, mandasse alguém ao mundo para que esse alguém vivesse só para elle. Como se Deus não creasse a mulher para mãe e esposa, para a familia, para a procreação, para o amor e para a grandeza da especie.

Que cadeia de incoherencias, que serie de contradicções! Que enormidade de heresias e de parvoçadas não proferem os clericos com os seus exaggeros absurdos e tolos!

Hoje, como nunca, está minha alma disposta a abandonar o mundo e a entregar-se toda a Deus. Assim falava o jesuitismo pela bocca de Henriqueta Loureiro. E por quantas boccas, apanhadas candidas ao desabrochar da vida, não terá elle falado assim? Ai, mas desgraçado do que falou! E' a sua condemnação perpetua ao exilio da vida, ás galés da consciencia. Nunca mais foi homem; e a mulher, banida para sempre, como o zangão da colmeia, das relações da existencia, nunca será esposa, nunca será irmã, nunca ella será mãe. Vae-te, mulher;

vae arrastar a grilheta dos maldictos da natureza, que são os maldictos de Deus. Arrasta-a; embora pela ultima irrisão da sorte tu empregues esse nome divino, como balsamo ás tuas dores e, por assim dizer, como antidoto ao veneno do crime que te corroe a consciencia, como que para calar essa voz intima e secreta que te grita lá dentro, a todas as horas, a todos os instantes, tanto mais forte e mais alto quanto tu a queres calar, a voz do remorso, a voz do crime:—olha tua mãe que te chora; olha a fronte de teu pae enrugada para sempre; olha a nuvem que surgiu no rosto alegre de teu irmão.

Será obra de Deus? Pois Deus creou-te para seres a nota triste na vida, até então despreocupada e feliz, dos entes que mais deverias estimar no mundo? Foges de Deus, ó mulher, ou foges para Deus?

Ella reza; ella fustiga e maceira o corpo. Mas o que ella não pôde é tranquillisar o espirito; é calar aquelle grito d'alma, que a persegue como a sombra de Judas. Olha-a bem em face e vêde se não é isto que dizemos. Ella lá vae cambaleante, cabeça baixa, olhos parados! Porque cambaleia, porque baixa a fronte, porque afasta os olhos, se Deus é ridente de formosura, de luz e de alegria?

Ai, que despotica que não é a instituição clerical! Se nos fosse dado, ainda que parodiando, imitar de longe as phrases bellas dos grandissimos espiritos, nós diriamos:—a instituição de S. Vicente de Paulo, essa instituição que rouba a parte mais bella da especie aos mais bellos sentimentos, é uma Bastilha enorme no meio da consciencia humana. Arrazemos a Bastilha e entoemos louvores á Natureza libertada.

Hoje, como nunca, está minha alma disposta a abandonar o mundo e a entregar-se toda a Deus. Era a tyrannia ferrea, o jugo cesariano dos verdugos da Egreja. Confessa ou morres. Assim falava o velho paganismo ás suas victimas. Assim fala hoje o jesuitismo ás suas escravas.

Entretanto, aquelle cerebro não estava ainda extinto. Como elle se voltava para a luz! Com que ancia se agarrava á vida! Como implorava o socorro do irmão!

Salvou-se. E, caso notavel, quando a clericalha tanto se esforça por mostrar que a irmã da caridade é o ente mais suave e mais feliz do mundo, das cinco educandas do convento de Sá, a unica feliz, como já hontem mostrámos, foi Henriqueta Loureiro, foi a que repudiou a tempo a vida de freira. Uma endoideceu. Outra morreu tysica, maldicta da sociedade e da familia. Outra morreu no exilio. Outra arrasta por ahi a cruz dos seus peccados. Henriqueta Loureiro casou, e na abundancia dos gosos materiaes e moraes tem vivido até hoje, e oxalá que assim viva por muitos annos e bons.

Coincidencia notavel, que não deixa de ter interesse e curiosidade!

O POVO DE AVEIRO

23 de Junho

SUPPLEMENTO AO N.º 331

23 de Junho

1888

A QUESTÃO CLERICAL

Realisa-se no proximo domingo, 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, n'um vasto armazem do Rocio, junto a Praça do Peixe, um grande comicio com o fim de protestar contra a reacção ultramontana e em especial contra a admissão das irmãs da caridade no nosso hospital, facto attentatorio da liberdade, da lei, e do decoro da cidade de Aveiro.

Pede-se a comparencia, não só dos habitantes d'este concelho, como de todos os outros habitantes do districto, que queiram zelar a causa da liberdade e do progresso. Assistem os srs. Manuel de Arriaga e Albano Coutinho.

Lia-se na *Idéa Nova* d'um dos ultimos dias de janeiro de 1886:

«Amelia Ferreira de Azevedo, solteira, de 24 annos de idade, filha do sr. Bernardo Justino Leitão, abastado proprietario, fallecido ha pouco, da freguezia de Santa Leocadia de Pedra-furada, d'este concelho, é a primeira victima da monomania religiosa inventada pelos terrores estupidos e ferozes dos jesuitas do Varatojo. Em seguida a uma confissão geral, realisada por um d'estes mascarros, principiou a dar mostras de preocupação religiosa no dia 26 de dezembro ultimo, ao vir da missão da freguezia vizinha de Gueiral. Hoje está completamente alienada! Vae ser remettida, a expensas da familia, para o hospital do Conde de Ferreira.»

E na *Discussão* do mesmo mez e anno:

«Quinta-feira apresentou-se aqui, n'esta villa, uma pobre mulher, que dizia ser natural de Bairão. Perguntada, porque viera de tão longe para fallar aos missionarios, respondeu que tinha vindo, porque tinha uma irmã com elles, e queria saber noticias d'ella!

Eis um drama! A pobre mulher parecia chorar, quando fallava na irmã. Na quinta-feira da manhã apresentou-se na igreja para lhe fallar: os missionarios responderam-lhe que não tinham nada com ella, e que da irmã também não lhe davam noticias nebulosas.

A mulher, então, fóra da igreja, principiou a apresentar as suas queixas, dizendo que elles lhe tinham levado sua irmã e que havia quasi tres annos que não sabia noticias d'ella. Era o que lhes vinha perguntar, e elles responderam-lhe com maneiras grosseiras, dizendo-lhe que se deixasse da irmã.

Somma e segue.»

Para onde foi a irmã da pobre mulher? Para qualquer instituto d'irmãs hospitaleiras, depois de prostituida pelos missionarios.

Em junho de 1886 lia-se n'uma correspondencia de Aveiro para a *Democracia Commercial*, do Porto:

«Um dia d'estes evadiu-se do hospicio das irmãs da caridade, d'Ihavo, uma menina de cerca de 14 annos, filha do sr. José Pinheiro Nobre, por alcunha o Marcella, que se apresentou á sua familia n'um perfeito estado de desmazel: suja, magra, descalça, esfofada, o que motivou a indignação dos proprios paes. A pobre rapariga chorava e pedia que a não deixassem levar outra vez para o covil d'aquella corja. O pae, apesar de miguelista, já não queria consentir na ida da rapariga; mas uma ordem terminante do padrinho da creança, um beato do Porto, a quem dizem o pae deve seus favores, fez regressar a rapariga ao recolhimento. Com effeito, apresentaram-se logo depois duas irmãs de caridade, com os seus habitos e camandulas pendentes, e lá levaram consigo a tenra martyr d'estas corujas tenebrosas.»

Dias depois o *Povo de Aveiro* accrescentava:

«A muita publicidade que a imprensa deu ao escandalo ultimamente occorrido no bordel jesuitico de Ihavo, tanto impressionou o pae da infeliz pequena, que a subtrahiu já das garras das harpias.

Ainda bem que não estavam apagados de todo os estímulos de pae no coração do sr. Pinheiro Nobre.

Tudo dorme, enquanto que o jesuitismo trabalha com tanta pertinacia.»

Em outubro de 1886 escrevia um jornal do Porto, e todos os outros d'aquella cidade em termos identicos:

«Na ultima terça-feira, pessoas que passavam junto do covil jesuitico das Aguas Ferreas, e se denomina hospicio das irmãs hospitaleiras, presentiram gritos afflictivos; seguindo a direcção dos gritos foram dar com uma joven de 16 a 18 annos prostrada junto ao muro da cerca do convento, golphando sangue pela bocca e evertendo o habito talar das recolhidas nos hospicios jesuiticos. Quando a gente que fóra chamada pelos gritos da infeliz tratava de a soccorrer, como devia, abriu-se a porta do hospicio e algumas irmãs hospitaleiras, um padre, um hortelão e mais um outro sujeito, arrastaram para dentro da cerca o corpo da desventurada creança, provavelmente para a acabarem de matar.

Sabe-se que depois d'este facto, entrou para o hospicio um caixão funebre.

Na vizinhança das Aguas Ferreas informam que ha pouco ainda, uma outra joven allí enclausurada não podendo supportar os martyrios com que era torturada, lançou-se desesperadamente de uma janella do hospicio para a rua.

Informam mais que no hospicio são inflingidos castigos barbaros ás reclusas; umas são obrigadas a fazer o serviço dos bois, jungidas á nora da cerca, outras são emparedadas como se praticava nos bons tempos do Santo Officio. Conta-se que uns operarios que ha tempos allí andaram a restaurar a capella do hospicio conseguiram tirar de dentro da parede uma d'essas martyres.»

Pasmoso!

Dias depois, no mesmo mez e anno, voltavam os jornaes do Porto a referir esta proeza:

«Ahi vae um facto bem simples na fórma, e proficientemente revelador na essencia.

Sahiu ha poucos dias, do covil das sereias, á Bandeirinha, uma menina de nome Alcina, de 11 annos de idade, e que allí se achava encarcerada desde a idade dos 4 annos.

Não se imagina a alegria que esta creança sentiu ao vêr-se livre d'aquelle antro de podridão, mil vezes peor, que a mais triste e enxovia. No seu livido rosto lia-se o seu penoso passado, que ella narra com muita simplicidade.

Entrou n'aquelle covil ha 7 annos para aprender. Terrível escola e infelizes discipulos! O fructo que tirou de tantos annos, foi saber rezar e cantar; a respeito de leitura... zero! Conta que não passava dia algum que não fosse espancada barbaramente, e á mais pequenina falta, soffria rigoroso castigo. Não tinha cama, ou por outra, a sua cama eram

umas tristes e velhas palhas estendidas no chão. O seu sustento era unicamente pão e caldo! diz a creança: «muitas vezes não o podia comer, porque sabia mal.»

No caminho para casa, o parente que a conduzia, comprou uma melancia. Perguntou a creança:

— Que é isso?

— Então tu não sabes que isto é uma melancia?

— Não; e para que serve?

— Para comer.

— Então isso come-se?

Por este dialogo imaginem os leitores que educação e instrução ministram as taes *santas hospitaleiras*! O parente, sobremaneira espantado com esta singular falta de conhecimento da pobre creança, perguntou-lhe se nunca tinha comido fructa, dando a creança a entender que nem sequer a conhecia como tal!

Contou mais, que as irmãs tinham lá pelo quintal melancias e outras coisas, prohibindo as creanças de lhes tocár, porque *era peccado!* e que ellas e os padres as tiravam, desconhecendo o destino que lhes davam. Conta muitas outras coisas analogas, e pena é que a sua falta de intelligencia a impeça de narrar já todas as coisas com a minuciosidade precisa; no entanto da sua confissão simples de creança, se aproveita muito, para recomendar as *santas irmãs.*»

Note-se que as irmãs hospitaleiras que estão no nosso hospital são d'este mesmo recolhimento da Bandeirinha. Ahi ficam provado o que ellas valem e o que ellas são! Ahi fica a melhor resposta ao sr. tenente da companhia dos malandros.

Em principios de março de 1886 contava uma folha de Lisboa:

«Uma pobre mulher residente em Ovar tinha em sua companhia duas filhas que, por manejos de uma santa serventaria dos jesuitas, uma sr.ª condessa de tal, deram entrada n'um convento dos arredores do Porto.

Mais tarde a pobre mãe teve informações de que o convento para onde levára as filhas era apenas um d'esses malditos coios onde as mulheres são educadas no caminho da prostituição e do desespero.

Dirigiu-se rapidamente ao convento e depois de repetidas instancias conseguiu que lhe mostrassem as filhas, uma das quaes tem doze annos e a outra dez, pretextando que, devendo sahir do paiz, queria antes de partir vêr as filhas.

A abbadessa, uma megera qualquer, deixou-se cahir no logro, e

mandou as duas raparigas ao portico para verem a mãe. Seguiu-se uma scena commovedora: as duas creanças abraçaram-se á mãe e instaram com ella para que as retirassem d'aquella casa de perdição. Estavam magras, abatidas pelo excesso de trabalho a que eram violentadas, pois que a *santa abbadessa* mandava-as dar serventia a pedreiros n'umas obras que se estavam fazendo no convento! As duas pequenas estavam descalças.

A mãe, depois de dar larga expansão á sua dôr, levou consigo as filhas, amaldiçoando quem pretendia, á sombra de uma educação religiosa, lançal-as em mau caminho.

A tal condessa nega-se agora a dar á mãe a sua protecção, enquanto as raparigas não voltarem para o convento.»

Agora isto, que é importantissimo.

Lia-se em varios periodicos, no mez de abril de 1886:

«O governador civil de Beja encontrou motivos ponderosos para desfazer um ninho de irmãs da caridade que existia no hospital. As santas creaturas, mensageiras inconscientes do jesuitismo, arrogavam-se attribuições variadas e alheias ao seu mister de enfermeiras. E a auctoridade que pelos modos não gostou de exorbitancias, escangalhou o fôfo ninho ás pequerruchas, duas das quaes bateram as azas em demanda de outras rapagens mais adequadas á sua aclimação.»

Arrogavam-se attribuições variadas e alheias ao seu mister d'enfermeiras. Vejam isto, vejam isto! E o sr. Almeida Vilhena a berrar que nunca houve, em nenhum hospital do paiz, reclamações contra as irmãs hospitaleiras.

Trapaceiro, infame trapaceiro!

Ahi teem, em poucos mezes, uns poucos de casos gravissimos praticados pelas irmãs da caridade. Ahi teem provas sobre provas de tudo quanto temos avançado.

Ao comicio! E que seja o nosso grito até ao fim!

Abaixo as irmãs da caridade!

Morra o jesuitismo!

Viva a liberdade!